

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

GIOVANNA GIARETTA

**O JORNAL NACIONAL E A COBERTURA SOBRE MEIO AMBIENTE:  
contribuições para um jornalismo socioambiental**

Monografia

Mariana

2022

GIOVANNA GIARETTA

**O JORNAL NACIONAL E A COBERTURA SOBRE MEIO AMBIENTE:  
contribuições para um jornalismo socioambiental**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Lara Linhalis Guimarães

Mariana

2022

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G435j Giaretta, Giovanna.  
O Jornal Nacional e a cobertura sobre meio ambiente [manuscrito]:  
contribuições para um jornalismo socioambiental. / Giovanna Giaretta. -  
2022.  
69 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Jornalismo - Aspectos sociais. 2. Meio ambiente. 3. Natureza. 4.  
Telejornalismo. 5. Jornal Nacional (Programa de televisão). I. Guimarães,  
Lara Linhalis. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Giovanna Giaretta**

### **O Jornal Nacional e a cobertura sobre meio ambiente: contribuições para um jornalismo socioambiental**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 01 de abril de 2022

#### Membros da banca

Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Profa. Dra. Adriana Bravin - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/06/2022, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0338154** e o código CRC **E1EB8C60**.

*Aos meus pais, Antonio Carlos Giaretta e Sidelma Barbosa Teixeira Giaretta, que me mostraram o valor de qualquer ser vivo através do amor, cuidado e respeito.*

*Ao meu irmão, Fabrício Giaretta por me apoiar, confiar no que acredito e me incentivar a correr atrás dos meus sonhos.*

*À minhas amigas que encontrei durante a universidade, Jaciara Lima, Kinderlly Brandão e Heloisa DeNadai por me acolherem nos momentos difíceis e me darem forças para continuar.*

*À minha orientadora Lara Linhalis, professora que admiro, pelas trocas de conhecimento, por ampliar meu saber e me ajudar a encontrar meu caminho no jornalismo.*

*Ao universo e tudo o que acredito, por me fazer refletir sobre as atitudes que transformam o planeta em que fazemos parte.*

*À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), por proporcionar experiências incríveis através de uma educação pública que resiste e permite que não fiquemos calados em tempos difíceis.*

*“No começo, pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando para salvar a humanidade”.*

*(Chico Mendes)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender o fazer jornalismo socioambiental, e como o ser humano se relaciona com o que convencionamos chamar de natureza (DESCOLA, 2016). Durante anos convivemos com o meio ambiente de maneira separada de nossa vida. A natureza é comumente utilizada como fornecedora de recursos que trazem enriquecimento e lucro comercial (KRENAK, 2020). Em consequência dessas ações exploratórias à natureza, hoje sentimos mudanças através do aquecimento global e desastres ambientais, como exemplo. Assim, é necessário entender o papel do jornalismo para a sociedade, quais são os princípios que definem o jornalismo como socioambiental, já que este possui também o objetivo de humanizar o meio ambiente em que vivemos (GIRARDI; SCHWAAB, 2012). Para isso, optamos por analisar uma edição do Jornal Nacional, um telejornal brasileiro que ainda é um dos principais meios de acesso à informação. Por essa via, é importante compreender como são construídos, no âmbito da narrativa, os acontecimentos que tratam da temática ambiental, e também se o modo como são visibilizados se aproxima do que prevê um jornalismo socioambiental. Como caminho metodológico, lançamos mão da análise da materialidade do audiovisual (COUTINHO, 2018) e também observamos a adequação do material ao que Nelson Traquina (2005) conceituou como “critérios de noticiabilidade”.

**Palavras-chave:** meio ambiente; jornalismo socioambiental; natureza; telejornalismo; Jornal Nacional.

## ABSTRACT

This study aims to understand how journalists do socio-environmental journalism and how human beings relate to what we conventionally call nature (DESCOLA, 2016). For years we lived with the environment separately from our lives. Nature is commonly used as a provider of resources that brings enrichment and commercial profit (KRENAK, 2020). As a result of these exploratory actions to nature, we already feel changes through global warming and environmental disasters, for example. Thus, it is necessary to understand the role of journalism for society and the principles that define journalism as socio-environmental since it also has the objective of humanizing the environment in which we live (GIRARDI; SCHWAAB, 2012). For this, we chose to analyze an edition of Jornal Nacional, a Brazilian newscast that is still one of the most important means of accessing information. In this way, it is critical to understand how events dealing with environmental issues are built within the narrative and how they are made visible is close to what socio-environmental journalism predicts. As a methodological path, we used the analysis of audiovisual materiality (COUTINHO, 2018) and also observed the suitability of the material to what Nelson Traquina (2005) conceptualized as “newsworthiness criteria”.

**Keywords:** environment; socio-environmental journalism; nature; television journalism; National Journal.



## RESUMEN

El objetivo de este estudio es comprender cómo es hacer periodismo socio ambiental, y cómo el ser humano se relaciona con lo que convencionalmente llamamos naturaleza (DESCOLA, 2016). Durante años vivimos con el medioambiente por separado de nuestras vidas. Se utiliza la naturaleza comúnmente como proveedora de recursos que aportan enriquecimiento y ganancias comerciales (KRENAK, 2020). Como resultado de estas acciones exploratorias a la naturaleza, hoy sentimos cambios a través del calentamiento global y los desastres ambientales, por ejemplo. Así, es necesario comprender el papel del periodismo para la sociedad, cuáles son los principios que definen al periodismo como socio ambiental, ya que también tiene el objetivo de humanizar el medio en que vivimos (GIRARDI; SCHWAAB, 2012). Para esto, optamos por analizar una edición del Jornal Nacional, un noticiero brasileño que sigue siendo uno de los principales medios de acceso a la información. De esta forma, es importante comprender cómo se construyen dentro de la narrativa los eventos que tratan sobre cuestiones ambientales, y también si la forma la cual se visibilizan se aproxima a lo que predice el periodismo socio ambiental. Como camino metodológico, utilizamos el análisis de la materialidad audiovisual (COUTINHO, 2018) y también observamos la adecuación del material a lo que Nelson Traquina (2005) conceptualizó como “criterios de valor informativo”.

**Palabras clave:** medio ambiente; periodismo socio ambiental; naturaleza; periodismo televisivo; Periódico nacional.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Ordem das notícias da edição do dia 16/10/2021 do JN ..... p. 55

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Logomarca da TV Tupi utilizada entre 1950 e 1970 .....	p. 22
Imagem 2 - Gontijo Teodoro apresenta Repórter Esso entre 1952 e 1970 - TV Tupi .....	p. 23
Imagem 3 - Jornal Vanguarda - Abertura .....	p. 24
Imagem 4 - Capa do Manual de Telejornalismo da TV Globo .....	p. 25
Imagem 5 - Script Jornal Nacional .....	p. 29
Imagem 6 - Página do Jornal Nacional no Twitter .....	p. 53
Imagem 7 - Página do Jornal Nacional no Instagram .....	p. 53
Imagem 8 - Página do André Trigueiro no Instagram .....	p. 54

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p. 9</b>
<b>1. A NATUREZA POR OUTROS OLHARES .....</b>	<b>p. 13</b>
1.2 Povos originários e a vida na Terra .....	p. 13
1.3 A criação da ciência moderna .....	p. 15
1.4 A natureza e os povos originários do Brasil .....	p. 17
<b>2. TELEJORNALISMO BRASILEIRO .....</b>	<b>p. 21</b>
2.2 Breve história da televisão brasileira .....	p. 21
2.3 A televisão como teledramaturgia .....	p. 26
<b>3. JORNALISMO SOCIOAMBIENTAL .....</b>	<b>p. 38</b>
3.2 Crise ecológica e visão de mundo .....	p. 38
3.3 A necessidade de um jornalismo sistêmico .....	p. 44
3.4 Não há neutralidade quando o assunto é jornalismo .....	p. 46
<b>4. ANÁLISE .....</b>	<b>p. 49</b>
4.1 O Jornal Nacional e o “bloco forte de assuntos ambientais” .....	p. 51
4.2. Considerações da análise e interseções com o referencial teórico .....	p.60
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>p.65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>p. 67</b>



## INTRODUÇÃO

Durante anos, seres humanos que vivem na sociedade globalizada aprenderam a crescer separados do que convencionamos chamar de natureza. No geral, a natureza é vista como algo diferente, possuidora de valores comerciais e materiais que servem como recursos para a humanidade sobreviver (e enriquecer, considerando que vivemos em uma sociedade capitalista). Por isso, há uma dificuldade, para nós, em conceber a ideia de que natureza e humanidade não são duas coisas diferentes, e possuem uma existência relacional, de modo que o respeito pela natureza é também o respeito pela humanidade (e vice e versa). Essa crença faz parte da cosmologia de muitos povos indígenas: a natureza faz parte da existência de todo ser vivo, sendo a própria ideia de humanidade relacional com a ideia de natureza, o que faz derivar uma convivência harmônica e o respeito com todos os existentes. Assim, para as culturas do nosso mundo ocidental e humanista, humanidade e natureza são continuamente apartados; já para os povos originários, no geral, a natureza e a cultura caminham juntos, em uma só existência.

O objetivo desta monografia é analisar a edição do Jornal Nacional, da TV Globo, relacionada ao que convencionou-se chamar de meio ambiente. Acreditamos que o jornalismo caminha lentamente para uma mudança na construção de informações sobre o meio ambiente, e, conseqüentemente, na própria ideia de meio ambiente. Por essa via, a expressão jornalismo socioambiental se refere justamente a um jornalismo que considera meio ambiente e sociedade a partir de uma existência relacional (GIRARDI, Iza Maria; SCHWAAB, Reges et al., 2012). Já que o produto a partir do qual iremos desenvolver a reflexão proposta trata-se do Jornal Nacional, devemos entender de que modo foi construído o telejornalismo no Brasil ao longo dos anos. A pergunta que nos instiga é: por que hoje não vemos tantas matérias com a angulação socioambiental? Em hipótese, matérias relacionadas ao meio ambiente são ainda pautadas, no geral, a partir do modo como afetam a vida dos seres humanos, embora em tese já consigamos ver novas angulações.

Durante uma semana do mês de setembro de 2021, realizei uma pesquisa prévia exploratória do Jornal Nacional, a fim de observar como o telejornal construía pautas com temas ambientais, quais as principais matérias transmitidas e se elas poderiam ou não estar relacionadas ao fazer jornalístico socioambiental. Percebi que houve apenas uma reportagem com essa angulação, realizada pelo jornalista André Trigueiro. Pautas que possuíam assuntos voltados ao meio ambiente associavam com frequência o que convencionamos chamar de

natureza, principalmente, à economia e ao agronegócio. Essa pesquisa prévia nos estimulou a observar o tema de modo mais atento e rigoroso.

A fim de construir recorte da análise, escolhemos investigar uma edição do JN. No dia 16 de outubro de 2021, o jornalista André Trigueiro convidou os seguidores de sua rede social para assistirem esta edição do telejornal, pois traria temas ambientais importantes a serem informados. Ele mencionou, no post: “Quis o destino que neste plantão no JN, além do bloco forte de assuntos ambientais eu tivesse a honra de apresentar o VT do gigantesco painel pintado em SP pelo amigo @mundano\_sp...” (TRIGUEIRO, 2021 via Instagram). Isso nos instigou a observar mais atentamente esta edição.

No primeiro capítulo desta monografia, é denominado “A natureza por outros olhares”, propomos uma compreensão, mesmo que breve, dos motivos pelos quais natureza e cultura são separadas em nosso mundo ocidental e humanista. Há também um outro olhar fundamental, gerado a partir do pensamento e do próprio modo de existência dos povos originários. É fato que eles possuem um modo vida diferente do que poderíamos chamar de “ser humano capitalista”, e suas relações com a natureza não são definidas apenas a partir de uma visão utilitarista, já que a existência de todos os seres é relacional. Por isso, o antropólogo Philippe Descola (2016) traz elementos importantes que nos ajudam a entender a visão dos indígenas e a importância desses povos para a própria ampliação da ideia de humanidade, por exemplo. Neste capítulo também iremos discutir sobre as relações dos indígenas brasileiros com a natureza, considerando especialmente a visão dos povos Krenak, acessada via Ailton Krenak (2019, 2020). A partir deste intelectual indígena, é possível nos deslocarmos da nossa própria maneira de viver e criar outras perspectivas sobre os povos que habitam o Brasil, como eles são afetados pela exploração dos recursos da terra, além das consequências já sentidas no mundo todo pelo consumo predatório em nossa sociedade.

No capítulo seguinte, a monografia pontua momentos da história do telejornalismo brasileiro: como a TV se tornou um aparelho de massa no Brasil e por que ela ainda é uma fonte de informação fundamental para os brasileiros e brasileiras. Para esta finalidade, Carlos Bauer (2002) e Valquíria Passos Kneipp (2008) trazem pontos históricos e pesquisas importantes que devem ser destacadas. Inclusive, entrevistas com ex-diretores do Jornal de Vanguarda, um dos primeiros telejornais no início da televisão no Brasil. Outra questão importante é entender a estrutura utilizada na redação do JN, desde a produção de pautas até a edição do audiovisual que chega às casas de brasileiros e brasileiras. Para isso, iremos utilizar especialmente as pesquisadoras Iluska Coutinho (2018) e Beatriz Becker (2005), e o também pesquisador Arlindo Machado (2000).

O jornalismo socioambiental também será um tema importante discutido durante o terceiro capítulo desta monografia. O termo socioambiental começou a ser pesquisado há poucos anos, e possui relação com as mudanças de comportamento dos seres humanos entre cultura e natureza, já que através da história podemos observar a sociedade utilizando a natureza como fornecedora de recursos para enriquecimento e lucro. Nesse sentido, o fazer jornalístico tem como um dos objetivos narrar os fatos de maneira educativa, causando questionamentos sobre os desenvolvimentos do ser humano com o meio em que vive. Nasce a partir disso olhares que vão além da observação da produção das narrativas telejornalísticas. Qual o papel do jornalismo socioambiental na sociedade brasileira? Quais reflexões devem ser levadas aos telespectadores, no que diz respeito ao meio ambiente? Ainda assim, é possível entender que o jornalismo socioambiental, diferente de outras especializações, é composto de visões chamadas de sistêmicas, que são especificidades destacadas a fim de caracterizar, organizar os processos e definir o fazer jornalismo socioambiental, as quais são defendidas pelos autores Ilza Maria Tourinho Girardi (2012), Eloisa Beling Loose (2012), Carine Massierer (2012) e Reges Schwaab (2012) em seus textos sobre jornalismo ambiental. Até que ponto esses modelos teóricos do jornalismo socioambiental são seguidos no telejornalismo, principalmente no Jornal Nacional, produto analisado?

Por fim, no capítulo quatro, a partir da edição do dia 16 de outubro de 2021, foi feita uma análise sobre alguns formatos noticiosos presentes no telejornal, com ênfase no modo como eles tratam a temática ambiental: quais são as pautas recorrentes, a duração das matérias, o número de fontes, se essas fontes correspondem a uma pluralidade de vozes (que é uma das características do jornalismo socioambiental), além da angulação e correlação com outras temáticas, já que muitas vezes matérias e reportagens sobre economia e agronegócio podem se tornar referência durante uma pauta ambiental, e acabam ganhando destaque. Outrossim, as matérias foram observadas para que pudessem ser comparadas com os principais objetivos do fazer jornalístico socioambiental e se há nelas uma semelhança ou diferenças na produção de uma pauta tão importante e discutida corriqueiramente durante as mudanças climáticas globais. Seria possível, então, considerar que essas matérias se aproximam de uma ideia de jornalismo socioambiental? Para essa análise, o percurso metodológico passa por Nelson Traquina (2005) e as ideias de valores notícia e critérios de noticiabilidade, a fim de perceber o porquê de certas pautas ambientais se tornarem matérias no JN. Assim, os critérios de noticiabilidade são importantes para entendermos porque muitos assuntos não são discutidos e noticiados nos jornais, neste caso no telejornal em questão. Outro caminho metodológico utilizado foi a pesquisa de Iluska Coutinho, a partir do que ela



conceituou como dramaturgia do telejornal (2018). Assim, observou-se a organização narrativa de algumas matérias da edição analisada. Nesse sentido, o objetivo é entender como o JN compartilha informações e quais os conceitos do jornalismo socioambiental são utilizados.

## **1. A NATUREZA POR OUTROS OLHARES**

O primeiro capítulo desta monografia abre discussão sobre as relações entre seres humanos e natureza, construídas ao longo dos anos. Não é possível compreender o telejornalismo brasileiro e os assuntos voltados ao meio ambiente dentro dos veículos de informação sem antes entendermos a construção histórica da humanidade com o planeta em que habitamos. Pensamos de uma certa maneira, e conversamos sobre a natureza, as plantas e os animais como seres que estão além da nossa vida, pois constantemente fomos e somos influenciados por conceitos e ideias capitalistas e eurocêntricas. Durante séculos o pensamento hegemônico sobre natureza e cultura tratou cada um dos termos de modo separado. Entretanto, há outras perspectivas que devem ser olhadas e discutidas, maneiras de viver pouco compreendidas e minorizadas, como o pensamento dos povos indígenas. Hoje, em meados do século XXI, é possível ver o começo de mudanças no relacionamento entre a humanidade globalizada e a natureza. Crimes ambientais, desastres naturais e mudanças climáticas são consequências da separação entre natureza e ser humano. Em passos pequenos a sociedade caminha para discutir como exploramos os recursos da terra, mas ainda nos falta restabelecer nosso vínculo com o que entendemos por natureza.

### **1.2 Povos originários e a vida na Terra**

Qual a diferença entre natureza e cultura? Podemos pensar que natureza é algo que não construímos, e cultura se refere a tudo que é feito pelo ser humano. Segundo o antropólogo Philippe Descola, no livro *Outras Naturezas, Outras Culturas* (2016) crescemos com o pensamento de que há uma distinção entre o natural e o cultural. Porém, entender os motivos pelos quais natureza e cultura são diferentes pode ser uma tarefa difícil, já que muitas ações são culturais e naturais ao mesmo tempo. Um exemplo disso é a fome. Segundo o autor, sentir fome é uma ação natural, por ser uma necessidade biológica do ser humano, mas ela se torna cultural a partir da maneira em que vamos satisfazer ou preparar algo para saciar a fome. E qual a importância de compreender esses diferentes papéis? Segundo Descola, para entender os hábitos da nossa comunidade e questioná-los devemos ter uma visão externa de onde viemos, enxergar os hábitos de outros povos.

A fim de mergulhar em outros hábitos de vida, diferentes dos brancos ocidentais, podemos olhar para os indígenas que não possuem uma relação de separação da natureza e da cultura, mas sim de um conjunto, em que juntos são apenas um e a natureza tem o objetivo

também de ser a explicação do que eles acreditam e quais caminhos devem seguir durante a vida. Um exemplo para perceber a vida de outra perspectiva são os povos denominados *achuar*, que vivem na Floresta Amazônica e possuem uma relação íntima com os animais e as plantas. É através deles que os sonhos são interpretados, e é também por meio dos sonhos que os *achuar* decidem o que irão fazer durante o dia, o que irão caçar, como irão caçar e o que comer. Assim nos diz Descola:

(...) foi um rapaz que se apresentou ao sonhador como sendo seu cunhado, dizendo a ele que no dia seguinte iria dançar com suas irmãs à beira de um lago. De fato, segundo a interpretação que me foi dada, tratava-se de um macaco-prego que, sob forma humana, dava indicações de caça, já que os *achuar* caçam macacos. (DESCOLA, 2016, p.12)

Os animais ou até as plantas que aparecem nos sonhos dos *achuar*, geralmente possuem forma humana, pois para eles, plantas e animais são considerados pessoas também, ou seja, possuem alma, assim como os seres humanos. Os *achuar* acreditam que nos sonhos os animais e plantas são humanos sem fantasias, as quais serviriam de uma camuflagem para esconder sua verdadeira forma. Nesse sentido, a “(...) grande maioria dos seres da natureza possuem uma alma análoga à dos humanos, que lhes permite pensar, raciocinar, ter sentimentos, comunicar-se à maneira dos humanos (...)” (DESCOLA, 2016, p. 13)

É interessante então perceber que para esses povos a ideia de uma natureza separada da cultura não faz sentido e não se aplica à vida. A aparência de animais e plantas nada tem a ver com a alma que eles carregam, já que para os *achuar* eles possuem o mesmo valor moral de um ser humano, mas só estão em uma diferente forma.

Entretanto, qual a importância de entender as relações dos povos originários com a natureza? E o que elas têm a ver com os hábitos dos brancos ocidentais? Não são somente os povos *achuar* que possuem essa relação íntima com os animais e as plantas. Em muitos lugares do mundo, como Ásia, África e América do Norte há povos originários que ainda habitam as terras e tentam continuar no local em que nasceram, mesmo que sofram diariamente as consequências do capitalismo. Olhar para esses outros modos de vida é importante para refletirmos sobre nossa maneira de viver através de outras perspectivas: sair e ir para a área externa de onde estamos e observar. É dessa maneira que se consegue analisar e fazer críticas sobre como a exploração de recursos do mundo destrói as vidas que compõem este planeta, os rios, as plantas, os animais e por fim os seres humanos.

Antes de sair e olhar para outras vidas, é necessário perceber que o ser humano branco ocidental se coloca em um lugar distante de todos os povos, e muitas vezes se considera um ser superior. Os primeiros vestígios de ações como essa aconteceram principalmente quando

os europeus começaram a se deslocar para outros lugares, fora de seus territórios, com o objetivo de ampliar sua cultura e garantir cada vez mais poder através dos recursos de outras terras.

Ainda na obra de Philippe Descola (2016), ele descreve uma de suas viagens à Austrália, ao visitar aborígenes denominados *anangu*. Para entender as relações de natureza e cultura desses povos, é importante dizer que eles possuem um modo de vida totêmico, ou seja, todos da tribo, incluindo homens, mulheres, animais e vegetação; fazem parte da mesma espécie, não havendo assim uma segregação entre animais, plantas e seres humanos. Para nós, esse tipo de existência pode causar estranhamento, mas este é um olhar fundamental para refletir sobre como, muitas vezes, entendemos como único um modo de existir baseado no consumo predatório de tudo que há.

Para os aborígenes australianos, segundo nos ensina Philippe Descola (2016), um canguru é uma espécie de réplica do ser humano. Eles são moldes de animais encarnados. Se algum animal for extinto, os aborígenes consideram que isso levaria também à extinção dos seres humanos, pois eles dependem uns dos outros. E onde o ser humano capitalista que possui outra maneira de viver entra nessa relação de vida com a natureza? Durante anos, os aborígenes australianos tentam proteger as terras onde os cangurus habitam, impedindo a destruição desse ambiente. Ao fazerem isso, protegem não só aquele ambiente natural, mas a vida dos seres que ali vivem, inclusive os povos aborígenes.

### **1.3 A criação da ciência moderna**

A era moderna, caracterizada pelo cientificismo, crescimento do capitalismo e pela expansão da cultura europeia, teve um papel fundamental para entendermos a segregação dos seres humanos e a natureza. Segundo o antropólogo Bruno Latour, em sua obra “Jamais Fomos Modernos” (1994), o ser globalizado foi o responsável por separar natureza e cultura, o que trouxe consequências à humanidade. Latour defende a ideia de que a ciência preza por investigar de maneira separada a vida do ser humano com a natureza e, assim, todos os processos de fazer ciência deveriam ser explicados a partir de suas particularidades.

Outra autora que também faz críticas ao modo de estudar e fazer ciência moderna, é Isabelle Stengers. Com base no seu texto “A Invenção das Ciências Modernas” (2002), a pesquisadora considera a ciência um movimento que se apropriou das culturas e deu voz à humanidade através do seu ponto de vista, criando a cultura ao seu modo de entendê-la. Ou seja, ela cria uma narrativa para os hábitos e culturas e impede que todos os seres humanos

tenham acesso a essa construção ao tornar esses estudos exclusivos de uma determinada sociedade, como os cientistas e a elite letrada. Assim, desde o início da Idade Moderna, que cronologicamente teve início em 1453 com o fim do Império Bizantino até a Revolução Francesa com a queda da Bastilha em 1789, a maioria da população que não tinha acesso aos livros, foi também excluída das culturas criadas pela ciência, e as pesquisas realizadas pelos cientistas sobre a população ocultada não eram condizentes com a realidade vivida por essas pessoas, já que os fatos eram narrados por estudiosos que não faziam parte das classes mais baixas da sociedade.

Assim como Bruno Latour, Isabelle Stengers defende que nós, seres humanos, somos herdeiros deste pensamento criado pelas ciências: essa construção entre o que é natural e o que é cultural, como se estes dois elementos fossem separados e não tivessem relação. Os hábitos que eram diferentes daqueles vivenciados pelo ser humano eurocêntrico faziam parte de algo incomum e exótico, a partir disso eram excluídos ou modificados pela ciência. Segundo Bruno Latour o processo científico é amplo e complexo: “(...) estes trabalhos continuam sendo incompreensíveis porque são recortados em três de acordo com as categorias usuais dos críticos. Ou dizem respeito à natureza, ou à política, ou ao discurso.” (LATOURE, 1994, p. 9). E para que haja uma crítica deve ser estudado os fatos em partes. O autor passa então para a fase em que ao tentar modificar a exploração entre os homens para a natureza pelo homem, o capitalismo multiplicou as duas maneiras de exploração, aumentando hoje o que vimos de pior nas sociedades, miséria, pobreza e doença. “Teria sido melhor não tentar tornar-se mestre e dono da natureza?” (LATOURE, 1994, p. 14). O autor então chega à conclusão que, na verdade, os seres humanos nunca foram modernos e acrescenta que não chegamos nem perto da modernidade. E ao estudar e inventar a ciência acabaram por criar também seres denominados pelo autor de híbridos, aqueles que não sucumbem aos imperativos da purificação do mundo, o que ele chama mais à frente de naturezas-culturas.

Deste modo, é possível compreender que nós, seres humanos, somos híbridos de natureza, política e discurso. Concluindo esse pensamento, Stengers (2002) classifica o capitalismo como movimento que interferiu na sociedade e na construção entre natureza e cultura. O capitalismo, segundo a autora, foi o responsável por se apropriar da cultura de alguns povos para então modificar seus hábitos como se fossem frutos de suas próprias experiências científicas.

Ao trazermos para a realidade de hoje, os híbridos, como define Bruno Latour, não param de se proliferar (tradução), já que o método científico também não mudou (purificação). Latour defende que quanto mais tentamos purificar o mundo, mais as

naturezas-culturas se multiplicam. Um exemplo são os desastres ambientais que cada vez mais fazem parte dos jornais e são temas importantes de serem divulgados, além de alertarem a sociedade e lembrarem que nossa maneira de vida precisa mudar. A questão é “como” esses temas são pautados. Talvez seja importante reagregar natureza, política e discurso em nossas pautas, para que então, potencialmente, a sociedade se aproxime da natureza numa relação não predatória, e, também, legitimando a existência de outros seres possuidores de “humanidade”.

#### **1.4 A natureza e os povos originários do Brasil**

Como nos acostumamos com essa separação entre meio ambiente e cultura a partir do ponto de vista de um intelectual indígena? No livro “A Vida Não é Útil” (2020), de Ailton Krenak, o autor busca trazer elementos históricos os quais fizeram com que os seres humanos globalizados possuíssem hoje o pensamento de que a natureza deve ser tratada como fonte de materiais para o comércio, um local para exploração e que traga através disso poder e enriquecimento ao ser humano ocidental e globalizado, sem o mesmo compreender que a natureza é uma fonte de recurso e fonte de vida para todos os seres.

Antes de entender as obras de Ailton Krenak, é importante saber quem ele é e quais são suas lutas. Escritor, ambientalista, pesquisador e líder indígena, Ailton Krenak é mineiro e natural de Itabirinha da Serra. Através de suas obras, Krenak tenta levar para outros lugares do mundo a história de seu povo, que foi impactado pelo rompimento da Barragem de Fundão no distrito de Bento Rodrigues em Mariana, Minas Gerais, no ano de 2015. O crime ambiental da barragem de Mariana, marcou não somente os atingidos do distrito, mas o povo Krenak. O Rio Doce era fonte de vida e fazia parte da aldeia como um membro da família. Novamente, vemos a relação entre natureza e indígena como um só, vivendo em harmonia.

Nesta obra (2020), Krenak cita o cientista naturalista Charles Darwin como um dos principais estudiosos a dizer que a Terra era “anticientífica”, e um ser não inteligente. Por outro lado, mesmo na década de 1900, havia outros cientistas contrários a Darwin que se posicionavam e defendiam ideias sobre pluralidade e diversidade de seres vivos na Terra, porém esses fatos foram descartados, e não faziam parte de pesquisas da época, distanciando ainda mais as análises sobre natureza como um ser vivo fundamental. Entretanto, a separação e o não conhecimento pela vida da natureza é visto muito antes da Idade Contemporânea, quando a busca pela riqueza e poder fazia com que os europeus fossem ao encontro de terras até então não exploradas por eles. Com o eurocentrismo, grandes navegações de portugueses e

espanhóis, principalmente, chegaram ao que hoje chamamos de Brasil à procura de especiarias e ouro.

Entender que a natureza é compreendida como um elemento que não tem relação com a vida do ser humano é observar que esses pensamentos são consequências de ações que foram inseridas durante a chegada dos europeus ao nosso país, advinda da Idade Moderna, explicada anteriormente. Os povos originários do Brasil não foram levados em consideração quando os portugueses chegaram para explorar as riquezas desta terra. Um exemplo importante da cultura ignorada e modificada por estudiosos eurocentristas que construíram uma narrativa sobre a maneira de viver dos povos originários do Brasil após a chegada dos europeus. É o que defende Krenak em outra obra, “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” (2019). Neste livro podemos olhar para o outro lado, pouco abordado durante anos, o olhar dos indígenas e as relações que eles possuem com a natureza. Para os Krenak, a natureza faz parte da vida, pois ela é a vida. Não há como os seres humanos sobreviverem sem que precisem da terra. Por isso, juntos somos apenas um. Por outro lado, os europeus colonizadores possuíam um pensamento de superioridade e aqueles que não eram iguais ao branco europeu não eram considerados dignos. “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentado na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade, trazendo-a para essa luz incrível.” (KRENAK, 2019, p. 38)

Essa superioridade discutida por Ailton Krenak em sua obra se refere também à brutalidade da colonização do território onde é o Brasil. Antes de chegarem até ao lugar que hoje denominamos América do Sul, os povos já habitavam estas terras. Eles possuíam uma relação com a natureza, uma maneira de viver, seus próprios costumes, e dialogavam através de sua língua. Sob outra perspectiva, os europeus seguiam o cristianismo, possuíam uma língua que tem origem do latim e viviam de maneiras distintas dos indígenas. A busca por riquezas fez com que o branco europeu retirasse a vida de pessoas e de terras a fim de enriquecer o seu território ou país. Não somente isso, fez também desta terra até então desconhecida por eles uma oportunidade de crescimento e expansão de sua cultura europeia.

No artigo de Ricardo Costa de Oliveira, “Conquista e colonização do Brasil: espaço, natureza e sociedades na longa duração” (1993), o autor traz elementos que nos ajudam a entender a história do Brasil e a colonização do espaço que também gerou violência aos indígenas.

O peso do seu número e as suas habilidades guerreiras poderiam se equiparar ao instrumental militar europeu em algumas ações táticas. No interior da floresta úmida, o arco poderia mesmo ser superior à pólvora e as armas de fogo portáteis do século XVI. O seu grande número de guerreiros praticamente inviabiliza operações terrestres de europeus sem o seu apoio. No entanto, faltava ao indígena concepções estratégicas mais amplas. A pólvora e a artilharia europeia podiam manter pontos fortes nos litorais e nos rios largos com abastecimento naval, quase que imbatíveis frente aos indígenas. (OLIVEIRA, 1993, p. 12)

A história do Brasil começa antes da chegada dos portugueses, mas as narrativas criadas e indicadas em livros nos mostraram uma história contada por cientistas e europeus que excluíram a parte daqueles que foram ignorados e dizimados, os indígenas. Resquícios desses pensamentos, que trazem junto modos de existir e de ver o outro, perpetuam na sociedade ainda no século XXI. Também por isso, é difícil reagregar, tanto na nossa existência quanto no discurso sobre o mundo, que somos parte da natureza. Continuamos então, a construir narrativas, quando falamos dos desastres naturais, das mudanças climáticas e dos crimes ambientais; sem escutarmos de fato os atingidos dessas consequências, para além dos prejuízos imputados a nós, os humanos do “clube selete”, do qual fala Krenak. Segundo ele, “Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.” (KRENAK, 2020, p. 82). Só dialogamos e discutimos sobre o porquê vivemos assim quando desastres nos atingem.

Ainda no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, Krenak insiste em nos dizer que para que comecemos a contornar esta situação e para que possamos ter olhares humanizados, é preciso sermos críticos à maneira que vivemos, ao consumismo em que deixamos de praticar cidadania. “Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. (KRENAK, 2019, p. 120).

Um exemplo importante que nos ajuda a entender a relação dos povos Krenak com a natureza é a morte do Rio Doce. O crime ambiental da Samarco, em que houve o rompimento da barragem de mineração em Bento Rodrigues, fez com que resíduos fossem derramados nas águas do Rio Doce, um dos mais importantes rios de Minas Gerais. O rio não servia apenas de recurso para as cidades, ou de transportes para empresas. Ele era a própria vida. Como dito anteriormente, as plantas e os animais são considerados sagrados para os indígenas e a morte de um desses seres pode representar também a morte de alguém importante para aquele povo. “O Rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas.” (KRENAK, 2019, p. 196).



Hoje, segundo Krenak, a terra não está suportando as atividades realizadas nela, a exploração, o consumismo e as demandas. E nos deixa algo para refletir: “Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações?” (KRENAK, 2019, p. 330). Concluo que esse mundo que está sendo empacotado não demora a chegar e sofreremos cada vez mais com essas entregas de mundos diferentes, que atingem sociedades diferentes.

## **2. TELEJORNALISMO BRASILEIRO**

No segundo capítulo desta monografia, o telejornalismo brasileiro será discutido a fim de entendermos e conhecermos um pouco de sua história no Brasil. Em 70 anos, a televisão se tornou uma mídia de grande influência nas casas de brasileiros e brasileiras. Mas para isso, a televisão passou por muitas transformações. No começo a televisão era considerada um rádio com imagens, a novidade fez com que os jornalistas e radialistas despreparados utilizassem aquilo que era mais valioso para a era das rádios, a voz. Por mais que no início, em 1950, a televisão ainda representasse um produto da elite brasileira, hoje ela faz parte das casas da maioria da população e ainda é um dos principais meios utilizados para buscar informações e notícias. “Podemos dizer que se operou uma revolução no comportamento cotidiano do brasileiro, principalmente o das grandes cidades, pois, no início, só nelas é que havia transmissão.” (BAUER, 2002, p.31)

### **2.2 Breve história da televisão brasileira**

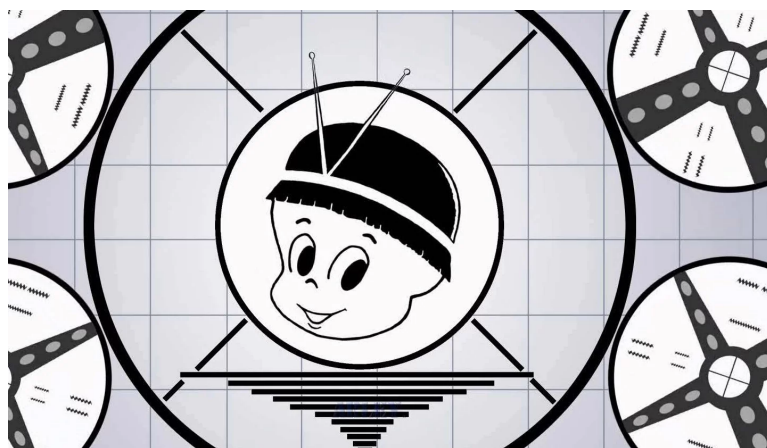
Para entender o telejornalismo atual, do século XXI, é preciso antes, voltar e observar alguns pontos da história da televisão no Brasil, desde a primeira transmissão até a consagrada estrutura narrativa dos telejornais, precisamente do Jornal Nacional. Segundo o pesquisador Carlos Bauer (2002), a televisão influencia a formação de identidade cultural e comunicativa. As mudanças na sociedade podem ser percebidas mesmo durante a era do Rádio, a partir dos anos 20. Com as radionovelas, o rádio se tornava não só um veículo de comunicação, mas principalmente de entretenimento. É o que acontece com a televisão, que foi um marco para a população brasileira. Com telenovelas, noticiários, filmes e música, a televisão ganhou destaque e passou a se tornar o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

Contudo, antes de entender a estrutura dos telejornais de hoje, é fundamental compreender a evolução que os fizeram chegar até este modelo. Para isso, voltamos aos anos 20 em que o destaque eram as rádios. Elas faziam parte da vida de muitos brasileiros, principalmente com as radionovelas que garantiram entretenimento durante anos. Outro ponto a ser destacado eram os radiojornais: neles, os apresentadores e radialistas narravam os principais acontecimentos do Brasil e do mundo.

Nos anos 1950 a televisão foi inaugurada no Brasil, as imagens eram em preto e branco e ainda não tinham som. Segundo a pesquisadora Valquíria Passos Kneipp, em seu

texto “A Trajetória da formação do telejornalista brasileiro - as implicações do modelo americano”, a primeira emissora brasileira foi a Tupi. Os telejornais já faziam parte da programação na época e eram improvisados, com imagens que ilustravam o cotidiano da cidade de São Paulo.

**Imagem 1 - Logomarca da TV Tupi utilizada entre 1950 e 1970**



**Fonte:** <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/ha-67-anos-a-tv-brasileira-nascia-com-a-estreia>. Acesso: em 03/01/2022

Como mencionado anteriormente, a rádio teve grande importância para os telejornais. No início, os apresentadores e âncoras eram na verdade radialistas. O motivo pelo qual foram convidados a participarem dos telejornais eram as vozes marcantes e o poder de improvisação, já que os telejornais eram produzidos ao vivo e não tinham na época teleprompter<sup>1</sup> ou cromaqui<sup>2</sup> “O estilo do jornal era quase um jornal de rádio, lido diante da câmera. Não tinha teleprompter, o jeito era pegar as laudas e ler olhando ora para a câmera, ora para a lauda.” (Fanucchi, 2006 apud. KNEIPP. 2008, p. 89).

Dito isso, o telejornalismo brasileiro também buscava referências em outros países. Como a maioria dos jornalistas, roteiristas e editores não possuíam experiência nessa nova fase do jornalismo brasileiro, o modelo norte-americano foi utilizado como base para essa nova construção. É possível observar que não era somente na estrutura, apresentação ou construção das matérias nos telejornais que se assemelhavam aos modelos norte-americanos. No início, as músicas de aberturas também copiavam os telejornais americanos, ainda segundo Fanucchi (apud. KNEIPP. 2008, p. 90). Percorrendo os modelos norte-americanos, o jornal Repórter Esso foi um grande exemplo. Vindo da rádio, o programa na televisão foi inaugurado em São Paulo, apresentado por Kalil Filho. O sucesso era tanto que outras versões surgiram pelo país, no Rio de Janeiro, com Gontijo Teodoro; Recife, com Edson Almeida e

em Minas Gerais, com Luís Cordeiro. Para o antigo redator do programa, Fábio Peres, o Repórter Esso possui as bases do jornalismo que vemos hoje. “Antes do Repórter Esso, era uma coisa, depois do Repórter Esso, nós temos aquele jornalismo sem adjetivo, linguagem enxuta, frases curtas”. (Peres, 2006 apud. KNEIPP, 2008, p. 92).

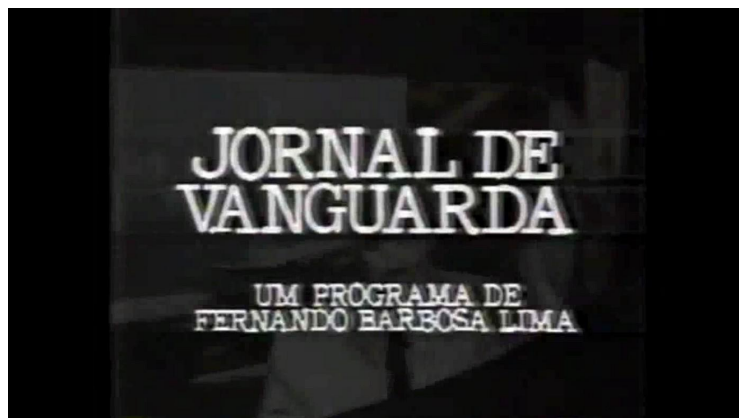
**Imagem 2 - Gontijo Teodoro apresenta Repórter Esso entre 1952 e 1970 - TV Tupi**



**Fonte:** <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=303837>. Acesso em: 03/01/2022

Com todos desafios em se construir um telejornal, ainda assim o Brasil obteve destaque na década de 60 com o famoso Jornal de Vanguarda. Antes chamado de Jornal da Cidade, criado em 1963 transmitido pela TV Excelsior, o telejornal passou por diversos canais e transformações causadas pela censura durante a ditadura militar. Já na TV Tupi, chamado Jornal de Vanguarda, houve uma necessidade de mudança na estrutura dentro do estúdio ao ser transmitido. Para Fernando Barbosa Lima, criador do telejornal, que foi entrevistado por Valquíria Passos Kneipp, não cabia mais o telejornalismo possuir um apresentador, que na verdade era radialista e uma câmera no pequeno estúdio. Era importante que o telejornal se adaptasse à televisão, o que exigia novos mecanismos. Para isso, foram colocados no estúdio oito apresentadores, entre eles os locutores Cid Moreira, Fernando Garcia, Luís Jatobá e Jorge Sampaio. Também entraram os jornalistas Villas-Bôas Corrêa e Darwin Brandão, como editores de política; o comentarista internacional Newton Carlos, o redator José Ramos Tinhorão e o repórter Hélio Polito. Ainda havia desenhos do artista Millôr Fernandes. Outro ponto a ser destacado é que a editoria feminina era apresentada por Gilda Müller.

**Imagem 3 - Jornal Vanguarda - Abertura**



**Fonte:**

<https://medium.com/@nathaliamelo/jornal-de-vanguardia-a-vanguardia-do-jornalismo-irreverente-6b26cd5ccbdb>. Acesso em: 03/01/2022

A inovação e coordenação ao apresentar o telejornal fez com que o Jornal de Vanguarda fosse premiado na Europa. Concorrendo com grandes telejornais do mundo inteiro, a TV Vanguarda levou a melhor ao disputar a final com o jornal da BBC. Durante a ditadura militar, o telejornal teve que se adaptar à censura imposta pelo regime, mesmo assim as críticas e ironias não deixaram de fazer parte do roteiro. Implícitas, elas eram comentadas pelos apresentadores que opinavam ao ler o texto. Mesmo que por um tempo o telejornal conseguiu “esconder” as críticas e comentários sobre o regime militar, a tentativa de liberdade de expressão não suportou ao Ato Institucional nº5 (AI-5). E assim, foi encerrado o Jornal de Vanguarda no ano de 1968, por Fernando Barbosa Lima, com o comunicado: “Cavalo de raça se mata com um tiro na cabeça”. Na época, o telejornal era transmitido pela TV Globo.

Coincidência ou não, nos anos 60 a televisão obteve uma consolidação entre a população nacional, e a audiência inquestionável é produto da Rede Globo a partir da década de 70. Pode-se perceber que a Rede Globo se instaurou desde o início, quando a televisão chega ao Brasil, até atualmente, mesmo com os novos meios de comunicação em ambiência online, os quais vêm adquirindo relevância na produção de conteúdo e no acesso à informação. A própria emissora, é importante frisar, vem se inserindo há anos nessa ambiência, diversificando produtos, rotinas produtivas e, por conseguinte, modulando seu próprio público.

Carlos Bauer também coloca em questão outro lado da história da televisão: momentos ideológicos e políticos.

Vivia-se um momento político e ideológico, na passagem dos 60 aos 70, em que a própria sociedade também vivenciava intensamente, em todas as esferas da vida social, o debate ideológico, fortemente marcado pelos conflitos e desdobramentos da chamada Guerra Fria. É interessante notar que, no Brasil, nesse momento, as forças políticas oposicionistas voltavam-se contra o monopólio da televisão, levantando reivindicações democráticas como a concessão de canais de comunicação a outras entidades sociais, grupos de pressão ou associações de classe. Em plena vigência da ditadura militar, tratava-se de identificar que a bandeira de democratização dos usos da comunicação, por si só, provocaria um equilíbrio democrático na sociedade. (BAUER. 2002, p.32-33).

Na década de 70, a televisão sofreu uma grande evolução, as cores chegaram às imagens, além do cromaqui, de uma maneira ainda rústica, e por fim o teleprompter, que foi fundamental na leitura e postura dos apresentadores em frente às câmeras. Foi nessa época que o manual norte-americano dos telejornais passou a ser utilizado com mais frequência nos jornais brasileiros. Apesar disso, os textos e roteiros eram modificados para se adaptarem ao diálogo com a população.

Havia algumas normas básicas de redação. Em 1975, por exemplo, essas normas achavam-se já compendiadas em um pequeno manual, baseado em uma publicação americana e adaptada à fala brasileira, com todas as suas peculiaridades e exigências. Estavam prescritos, desde então, alguns cuidados básicos, tais como: evitar palavras longas, formular frases curtas e começar o texto com gerúndio (Mello e Souza; 1984: 153 apud. KNEIPP, 2008, p. 105-106).

#### Imagem 4 - Capa do Manual de Telejornalismo da TV Globo



**Fonte:** <https://www.tuneldotempoleiloes.com.br/peca.asp?ID=5354792>. Acesso em: 03/01/2022

Após a Guerra Fria e os conflitos ideológicos sentidos também pela televisão, o professor Ciro Marcondes Filho, mencionado no texto de Carlos Bauer, afirma que se percebe duas fases diferentes da história da televisão. Elas estão divididas em primeira e segunda fase: “Na primeira fase, a televisão era caracterizada como um meio de comunicação que permitia que as pessoas vissem o mundo através da tela. Usava-se a metáfora da ‘janela’: a televisão

era uma janela aberta para o mundo.” (Marcondes apud BAUER. 2002 p, 34). Entende-se assim a metáfora de que a televisão é a janela para o mundo: a população assistia aquilo que queria ver.

Na segunda fase, a televisão não é mais uma janela, agora sua função é simular o mundo. “Ela não é um ponto intermediário entre o acontecimento e um telespectador, é um ponto final ou um ponto inicial. As coisas partem dela e chegam até o telespectador. A diferença agora é esta: ela não transmite o mundo, ela fabrica mundos.” (Marcondes apud BAUER. 2002, p.35).

### **2.3 A televisão como teledramaturgia**

Para compreender a estrutura e o funcionamento do telejornal brasileiro, no geral, Arlindo Machado, em seu livro “A televisão levada a sério”, no capítulo “As vozes do telejornal” (2000), narra aspectos importantes e fundamentais que devem ser observados, a nosso ver, antes de realizarmos uma análise sobre o JN.

Arlindo Machado inicia o capítulo dizendo que o telejornal é um tópico difícil de abordar. Isso porque, muitas vezes, a construção narrativa das matérias jornalísticas demonstra ambiguidade e esbarra na interpretação das notícias. O telejornal oferece liberdade ao telespectador para que ele com sua bagagem, seja ela ideológica, política ou moral, observe e faça um olhar diferente de outra pessoa. Cada telespectador, com seus valores e pensamentos, seleciona e compreende a matéria de acordo com o que para ele é ou não relevante.

Por mais fechado que seja um telejornal, há sempre ambiguidade suficiente, em sua forma significante, a ponto de interditar qualquer “leitura” simples e unívoca, e há também autonomia suficiente, por parte do telespectador, de modo a permitir que ele faça uma triagem do que é despejado no fluxo televisual. (MACHADO, 2000, p.100).

Ainda sobre como o telejornal chega ao telespectador e como as notícias serão recebidas, Machado diz que, diferente de uma notícia em forma de texto, o telejornal não é para ser apenas um meio de reflexão. Ele é um dispositivo de mediação, entre notícia e telespectador, mediados por repórteres, apresentadores, âncoras, fontes, testemunhas e até a produção sonora. Machado, descreve dois exemplos para ilustrar tal comparação, e ele revela que em um texto noticioso de um jornal impresso, a matéria se torna seca e impessoal. Diferente do telejornal que traz locuções variadas, entonações na fala e diferentes níveis de dramaticidade e edições de imagens.

Tecnicamente falando, um telejornal é composto de uma mistura de distintas fontes de imagem e som: gravações em fita, filmes, material de arquivo, fotografia, gráficos, mapas, textos, além de locução, música e ruídos. Mas, acima de tudo e fundamentalmente, o telejornal consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera (posição *stand up*), sejam elas jornalistas ou protagonistas: apresentadores, âncoras, correspondentes, repórteres, entrevistas, etc. (MACHADO, 2000, p.104).

Mesmo que a tecnologia não seja a mesma ao ano da pesquisa de Arlindo Machado é importante lembrar que o telejornal possui um padrão, seja ele no roteiro, apresentação ou edição de material audiovisual. Machado reitera, o que cabe muito nesta contextualização: “Aliás, talvez não exista na televisão um gênero tão rigidamente codificado como o telejornal”. (MACHADO, 2000, p.104).

Se utilizarmos os telejornais brasileiros como exemplo e comparação, podemos perceber que a construção e estrutura são semelhantes. Âncoras, geralmente um casal de homem e mulher, ao fundo uma imagem padrão do telejornal ou com a redação, o repórter do tempo sempre ao lado quando fala sobre o clima e os enquadramentos de imagem quando são feitas as chamadas. Essas são as bases de um telejornal. É claro que há algumas mudanças, principalmente porque hoje vemos uma liberdade maior em trocar os cenários ou a quantidade de apresentadores. Mas, ao falar em JN, há um padrão marcante em que essas características anteriormente mencionadas nos lembram o telejornal da TV Globo.

Através do Reuters Institute for the Study of Journalism da Universidade de Oxford na Inglaterra, foi feito um relatório sobre as mídias digitais no ano de 2020 (Digital News Report 2020). Os dados referentes ao Brasil revelam que o uso da televisão como primeira fonte para notícias entre a população vem caindo desde 2013, ficando atrás hoje, com 66% das buscas, da Internet - que incluem as mídias online (87%) - e das mídias sociais (67%). Isso significa que vivemos e nos informamos a partir de uma ecologia de mídias. Outro dado importante é que a TV Globo, incluindo o Jornal Nacional, é o veículo mais frequentemente utilizado pelos brasileiros. 56% das pessoas procuram informações ao menos 3 vezes na semana neste veículo midiático, tornando assim a principal fonte de informações e a mais frequente assistida pelos brasileiros.

Um outro aspecto trazido dos telejornais norte-americanos para o Brasil, é a identificação dos jornalistas e suas respectivas funções no telejornal. No caso, os repórteres que narram as matérias. Essa característica começou, segundo Arlindo Machado, após a Segunda Guerra Mundial, quando começaram a ser inseridas legendas que descrevessem o

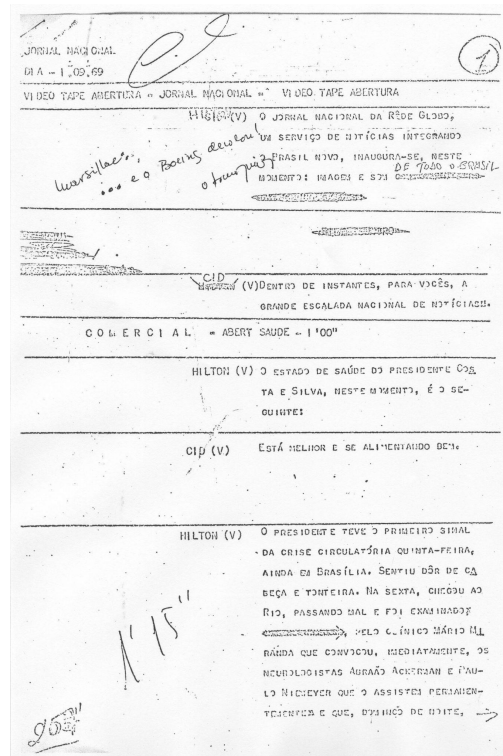


nome, a função do repórter e o local de onde ele fala. Assim, percebemos que o modelo antigo do rádio em que o próprio locutor narrava o roteiro, perde lugar.

Dessa forma, o antigo modelo de telejornal, derivado da prática radiofônica e apoiado basicamente num locutor que lê um script, foi sendo substituído aos poucos pelo modelo que hoje na CNN o seu melhor representante, onde a tarefa de constituir o noticiário do dia é a repartido entre vários sujeitos falantes que povoam a tela. (MACHADO, 2000, p.106).

Ainda que o telejornal tenha a função de informar ao telespectador os acontecimentos diários, essa não é sua função básica. A partir do momento em que o telespectador analisa e observa o telejornal por meio de suas reportagens, seja informar bem ou mal o objetivo do telejornal se restringe a uma coisa: confiabilidade. E é o que explica Arlindo Machado. Não que essa ideia seja totalmente errônea, diz o autor. A fim de entendermos a ideia é preciso compreender que o telejornal é construído através de colagens, imagens, recortes e falas de diferentes fontes, por exemplo. É fundamental lembrar que o jornalismo narra um acontecimento, não é ele quem faz a história, por isso o discurso não será exatamente igual ao ocorrido, mesmo porque não há parcialidade no fazer jornalismo. “Mas ao colocar em circulação e em confronto as vozes que “relatam” ou “explicam” um conflito, ao tentar encaixar as vozes umas “dentro” das outras, o que faz mais exatamente o telejornal é produzir uma certa *desmontagem* dos discursos a respeito dos acontecimentos”. (MACHADO, 2000, p.110) É possível dessa maneira, observar que a bagagem ideológica do telespectador induz também quando este interpreta as notícias, influenciando na credibilidade que ele confere ao telejornal assistido.

### Imagem 5 - Script Jornal Nacional



**Fonte:** <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em: 03/01/2022

Dentro desse ambiente televisivo, temos os telejornais, os quais estão em questão nesta monografia. É plausível dizer que o jornalismo produz conteúdos através de fatos que são transformados em narrativas pelos jornalistas, via linguagem. Isso não é diferente com o telejornalismo, o modelo estrutural busca criar matérias e notícias a partir do cotidiano e problemas na sociedade.

Por meio do diálogo com procedimentos de análise estrutural, e da identificação dos tipos de conflito narrativo, foi possível compreender que a estruturação do noticiário televisivo era feita entorno de situações problemas que se constituíam em ganchos ou motores para a apresentação de ações e disputas posteriores, uma série de dramas cotidianos que se somavam nas edições diárias dos noticiários televisivos (COUTINHO, 2018, p.180)

Segundo Iluska Coutinho, o papel da televisão brasileira é importante para fomentar informação à população. A autora também afirma que compreender a estrutura narrativa do telejornal tem um caráter indispensável para futuras análises: “Compreender o telejornal a partir de sua dimensão narrativa e, nesta, da forma de avanços dos conflitos e situações problema, permitiria uma leitura analítica mais próxima de sua experiência de consumo, associando instâncias racionais, descritivas e sensoriais.” (COUTINHO, 2018, p.187).

Entre tantos fatores que constroem o telejornalismo brasileiro, uma das grandes influências que trazem mudança para a estrutura das narrativas construídas são as mudanças do mercado global. Segundo Beatriz Becker (2005), “A globalização transforma o modo como vivemos de maneira expressiva.” (p.52). Isso faz com que também novos comportamentos sejam moldados na sociedade e se refletem nas narrativas telejornalísticas. Mesmo assim, outras questões importantes implicam a dificuldade e a demora de veículos midiáticos em se adaptar aos pensamentos da sociedade e o novo cotidiano. “A velocidade de desenvolvimento da tecnologia nem sempre está em sincronia com os avanços dos valores institucionais e dos sistemas políticos e econômicos.” (BECKER. 2005, p.52).

No Brasil, ainda que a televisão aberta tenha alguns títulos e veículos de comunicação, o Jornal Nacional se mantém com maior audiência, visto acima. Entretanto, segundo Becker, a quantidade de veículos de comunicação não significa, necessariamente, qualidade e melhoria das informações transmitidas. Há um contratempo entre construção de narrativa e transmissão de informação. No texto, Becker utiliza como referência Venício Artur de Lima:

O compromisso ético na prática profissional esbarra na estrutura de propriedade e nos interesses empresariais da mídia: “considerar o jornalismo apenas como um ‘negócio’ (business) disputando espaço no mercado, como faz a grande mídia apesar de suas inúmeras contradições, não seria parte do próprio problema?” (LIMA apud Becker, 2005, p. 53).

Mais à frente, Becker enfatiza, nessa mesma toada:

Por um lado, a emergência de uma sociedade global da informação impõe processos de democratização em diferentes países. Por outro lado, a televisão e os outros meios de comunicação tendem a destruir o próprio espaço público que abrem, servindo simultaneamente como testemunho e produto das negociações políticas. (BECKER. 2005, p. 54)

Mas como isto pode estar associado ao telejornalismo brasileiro, principalmente ao JN, em questões socioambientais? Primeiro, é importante entender a construção do Jornal Nacional. Como sinalizamos, o telejornalismo brasileiro se baseia muito no modelo de telejornalismo norte-americano. As notícias são hierarquizadas e ganham destaque por meio da relevância do assunto para o público e o veículo. Há ainda uma linha tênue entre jornalista e veículo. Até que ponto a emissora está disposta a divulgar e investir em notícias sobre o jornalismo socioambiental? No caso da TV Globo, podemos analisar alguns aspectos. Durante os intervalos dos programas exibidos pela emissora, são veiculadas propagandas sobre a indústria agropecuária brasileira, denominada “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil”. A TV Globo faz campanhas de marketing sobre o desenvolvimento do agronegócio com o slogan

“Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”. Pode-se perceber as diferenças entre as questões defendidas pelo veículo midiático e o jornalismo ao informar a população. É fato que as notícias servem para informar aos telespectadores sobre os acontecimentos do mundo. Por outro lado, a notícia oferece uma postura interpretativa:

Os noticiários podem funcionar como instrumentos de conservação ou de mudança social. A função básica do gênero é informar, mas o modelo “polifônico” do telejornalismo pode ser acusado, não sem razão, conforme explica Machado (2003:109-11), de tentar mascarar o fato de toda a produção de linguagem emana de alguém, de um grupo, ou de uma empresa, logo nunca é resultado de um consenso coletivo e sim, de uma postura interpretativa diante dos fatos noticiados. (BECKER. 2005, p.55-56)

Se o telejornalismo funciona como um ator principal que transmite as falas ao leitor, então cabe também ao telespectador filtrar e criticar sobre como os veículos informam as matérias jornalísticas que estão abertas a novas maneiras de interpretação de sentidos.

Já que o telejornalismo também é considerado um ator, é possível olhar para a construção das narrativas como uma espécie de dramaturgia da televisão. O olhar, os ouvidos e a atenção de quem assiste as matérias pela televisão são captadas por alguns sentidos fundamentais que fazem com que o telespectador se prenda à matéria. Do mesmo modo que a novela, o telejornalismo é uma narrativa, embora não ficcional, em certo sentido. Mas ainda é uma construção da história e do cotidiano através de elementos fundamentais, um drama cotidiano, segundo Iluska Coutinho (2012).

Outros pontos colocados pela autora são: existência de personagens, percurso narrativo, ou seja, se há um roteiro a ser seguido em conjunto com a imagem e o som, hierarquização das informações, posição do lide, edições sonoras e os papéis dos repórteres. Todo esse conjunto representa a estrutura do telejornal brasileiro. Coutinho analisa e tenta identificar através desses elementos a qualidade das matérias dos telejornais. Para ela, compreender o JN como um telejornal que possui uma audiência significativa através da construção narrativa é investigar também o jornalismo audiovisual, segundo Coutinho.

Ao levarmos em consideração a visão de dramaturgia dentro do telejornalismo, a pesquisadora defende que a identificação com os conflitos e ficções criadas pelos programas de televisão fazem com que essa temática seja confortável e agradável ao telespectador. Por isso, matérias jornalísticas que possuem uma narração muito parecida ou que imitam a ação humana, com a dramaturgia ganham destaques nos telejornais.

A identificação das pautas cobertas em cada um dos telejornais nos permitiu confirmar a tendência de privilegiar a emissão de assuntos que possuam as características de dramaturgia, quais sejam, a existência de uma crise instalada e de ações direcionadas para a tentativa e/ou busca de solução. (Coutinho, apud LINHALIS, 2009, p.82).

Ao relacionarmos a narrativa do JN com o melodrama, a pesquisadora Lara Linhalis Guimarães (2009) acessa Eugênio Bucci, quando ele diz que: “A regra central é o permanente conflito entre ‘bem e o mal’, que culmina o boa noite, com um *happy end* de preferência”. (Bucci, apud LINHALIS, 2009, p.85).

Outra discussão importante é reconhecer o papel dos narradores, neste caso dos âncoras do telejornal. Por muitos anos o brasileiro esteve acostumado a ver e ouvir as notícias através do casal de jornalistas William Bonner e Fátima Bernardes. Eles se aproximaram das famílias por meio da televisão e se tornaram íntimos do horário nobre da televisão em grande parte do Brasil.

A interpelação direta efetuada pelo apresentador é o elemento fático mais visível da televisão. A familiaridade instaurada por seu rosto, em atitude de conversa íntima, de bate-papo, naturaliza a apresentação do mundo pelas imagens (...) e estabelece o contato com o telespectador. (Sodré, apud LINHALIS, 2009, p. 86).

Mesmo que os jornalistas William Bonner e Fátima Bernardes já não façam o papel de casal de âncoras do telejornal, o JN manteve com excelência e pouca dificuldade o papel intimista de um casal de apresentadores, agora formado por William Bonner e Renata Vasconcellos. É claro que a aparência do casal educado que chega na hora do jantar às casas brasileiras não sustenta a narrativa de drama do telejornal. Além desses elementos mencionados, a construção do ‘boa noite’ como falado acima, o olhar para a câmera e fala objetiva e simples se mantiveram, assim como a grande audiência do JN. Contudo, para manter a audiência e conquistar ainda mais a atenção dos telespectadores, mesmo após as transformações sofridas pela TV influenciada por questões políticas e ideológicas, como mencionado anteriormente, o JN precisou se adaptar e ainda vive em constantes mudanças para se tornar bem-vindo aos lares brasileiros.

Com a globalização e a expansão da modernidade para as casas das famílias, a televisão deixou de ser apenas um veículo para a elite. Os personagens, entrevistados e rostos que aparecem hoje nas matérias do JN também possuem um significado importante e marcante para a sociedade e a cultura do telejornal. A pluralidade, seja na cobertura, nas pautas escolhidas, no recorte do local ou na escolha das pessoas que irão dar voz às matérias possuem um papel essencial quando se fala em credibilidade e responsabilidade social. “O Jornal Nacional passou a investir em temas que, até então, apareciam timidamente no espelho

do telejornal, mostrando características de diferentes comunidades e regiões que formam a nação.” (BECKER, 2005, p.59). Lembrando sempre que esse avanço na diversidade no JN começou nos anos 80, após a Guerra Fria e Ditadura Militar. Porém, se observarmos, mesmo de modo relapso, as editorias, as pautas e reportagens do Jornal Nacional, ainda há grupos sociais e assuntos que não possuem espaço na tela. Para Becker:

Os serviços da indústria da comunicação, a regulação da mídia e as novas tecnologias de informação deveriam atender prioritariamente ao interesse público, privilegiando o conhecimento e não apenas o mercado. Se os cidadãos não têm acesso à diversidade de opiniões e interpretações, o dilema da democracia não tem solução. (BECKER, 2005, p.54)

Outra questão que também deve ser levada em conta ao entender os motivos para a escolha de certas pautas e personagens na construção da edição de um telejornal é o fator tempo. Muitas vezes, observamos matérias sempre relacionadas à economia, agronegócio, cidades, meio ambiente que sempre tentam se aproximar do contexto social da vida do cidadão brasileiro. Os editoriais não são especificados e detalhados, são gerais. Quando a matéria é sobre seca, por exemplo, há várias maneiras de construir essa narrativa, mas a angulação escolhida depende do que o telejornal quer que o espectador receba. Por exemplo: a seca faz com que moradores de certa cidade fiquem sem água por muitos dias. Por outro lado, essa reportagem poderia ter outros ganchos, como explorar as causas da seca, a questão do aquecimento global e desmatamento, os riscos à saúde com as mudanças climáticas, entre outras. E por que ainda é difícil vermos esse tipo de angulação? Segundo Becker, o telejornalismo tem se justificado pela limitação do tempo:

A falta de contextualização no tratamento da informação sobre a maioria dos fatos sociais transformados em acontecimentos tem sido justificada pela limitação do tempo de duração do noticiário e pela necessidade de apresentar o produto notícia com objetividade e imparcialidade, mas essa justificativa é inadequada, pois sabemos que ambas, constituintes dos princípios jornalísticos, são inalcançáveis. (BECKER, 2005, p.59).

Entre todas as estruturas mencionadas na construção do telejornal, estão as pautas, os personagens, as narrativas, o direcionamento do texto e a dramaturgia. Contudo, para que a informação se desenvolva é preciso encaixar as narrativas em formatos noticiosos. Segundo Guilherme Jorge de Rezende (2009) há uma classificação para esses formatos dentro do telejornalismo brasileiro, a qual parte do conceito geral de categoria, passa pelo de gênero e por fim chega aos formatos, uma instância mais particular (REZENDE, 2009, p.1). A partir de Spinelli (2012), entendemos que tanto a ideia de gênero quanto de formatos noticiosos são mutáveis e passam constantes modificações ao longo dos anos:

O conceito de gênero, seja jornalístico ou literário, nos revela que os gêneros são mutáveis. Não surgem do nada. Transformam-se com o tempo. São históricos. Então. Quando as pessoas dizem que eles já foram estabelecidos, estão se esquecendo de que os novos gêneros não surgirão de uma hora para a outra, desvinculados do que já existe. Dez anos é pouco tempo para um gênero novo se formar totalmente, é verdade. Mas após esses 10 anos já conseguimos identificar claramente novos formatos. (Salaverría apud. SPINELLI, 2005, p. 9).

Ainda na divisão de categorias e formatos, Guilherme Jorge Rezende coloca em seu texto uma divisão de dois gêneros jornalísticos dentro do telejornalismo brasileiro, com base no pensamento de José Marques de Melo: o jornalismo informativo e o opinativo (Marques de Melo apud. REZENDE, 2009, p.7). O jornalismo informativo corresponde às informações que:

... se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações). (Marques de Melo apud. REZENDE, 2009, p.7).

Já na segunda categoria, o jornalismo opinativo: “a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)” (Marques de Melo apud. REZENDE, 2009, p.7).

Em uma análise realizada por Ana Carolina Temer (2002) ela identifica quais são os gêneros e formatos predominantes em alguns telejornais da Rede Globo. De acordo com a análise, foi observado que o Jornal Nacional tem a maioria de matérias informativas, ou seja, não existem muitos espaços para matérias opinativas ou interpretativas. (Temer apud. REZENDE, 2009, p.8). É importante lembrar que em um gênero informativo, a opinião pode aparecer, não explicitamente. Rezende frisa esse aspecto:

Por outro lado, nas matérias informativas a opinião, às vezes quando não explícita, subjaz implicitamente no decorrer de todas as filtragens que compõem o processo de produção jornalística: a elaboração da pauta, a copidescagem, a edição de notícias, a angulação, inconsciente ou não, com que o jornalista vê o acontecimento. (REZENDE, 2009, p.8).

Após a explicação de gêneros e formatos noticiosos é necessário compreender cada um deles. Ainda segundo a definição de Guilherme Jorge Rezende (2009) o **perfil** é classificado como jornalismo interpretativo e é usado como um complemento de uma notícia, entrevista ou reportagem que tenha o objetivo de informar a respeito de uma personalidade. A **nota** se caracteriza por um relato sintético e objetivo de um fato. A nota pode assumir duas

formas: nota simples ou nota ao vivo e a nota coberta. Ainda segundo o texto de Rezende (2009),

a nota simples ou nota ao vivo é a qual o apresentador ou locutor apenas lê, em quadro, o texto preparado pelo editor de notícias... o seu uso se justifica e três circunstâncias básicas: 1) suprir a falta de imagem da notícia; 2) para dar ritmo ao telejornal, já que a nota ao vivo é sempre mais curta do que a reportagem; 3) nos casos em que há imagens, mas que por um motivo ou outro elas não chegaram ainda à emissora.” (Maciel, apud. REZENDE, 2009, p.10).

Já a nota coberta é geralmente formada por duas partes que se complementam: “a cabeça, corresponde ao lead, é lida pelo apresentador em quadro ao vivo. Na segunda parte, chamada de off, o apresentador ou o repórter faz a narração, enquanto as imagens da notícia são exibidas na tela do televisor.” (Maciel, apud. REZENDE, 2009, p.10).

A **notícia** é um formato jornalístico informativo televisivo e não é considerada um termo genérico, que segundo Rezende (2009) designa todas as informações que um veículo de informação divulga, de acordo com o senso comum. Se falarmos em um ponto de vista formal, a notícia é o relato de um fato mais completo do que a nota, por exemplo. Existe uma combinação entre apresentação ao vivo e a narração em *off* coberta por imagens. É importante observar que outra característica da notícia é a ausência do repórter no quadro de sua narração, distinguindo-a como formato do telejornal. Por esse motivo, a notícia nos telejornais têm uma duração curta, em média de 45s (REZENDE, 2009, p.11).

A **entrevista**, segundo o texto de Rezende (2009), se define em um diálogo entre jornalista e entrevistado, por meio de sistemas de perguntas e respostas, a fim de extrair informações, ideias, opiniões, questões de interesse público ou vida pessoal do próprio entrevistado. A entrevista aparece ao longo da transmissão do telejornal, pode ser ao vivo ou gravada e editada (REZENDE, 2009, p.11).

Considerada “a mais complexa e mais completa forma de apresentação da notícia na televisão, a **reportagem** tem texto, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados.” (Maciel, apud. REZENDE, 2009, p.11). A reportagem é informativa e fornece um relato ampliado de algum fato. Em telejornais, há um formato denominado reportagem de atualidade que é predominante. “São reportagens que tratam acontecimentos que acabam de se produzir e a propósito dos quais não se dispõe de muito tempo. Daí a dificuldade de manter uma abordagem crítica” (Jespers, apud. REZENDE, 2009, p.12). Rezende classifica a reportagem em cinco partes: cabeça, *off*, boletim, sonoras e nota pé, mas podem ter nenhuma dessas partes ou mais delas. Por esse motivo, a reportagem possui uma duração mais longa e incorpora todas as outras formas de apresentação de notícias (REZENDE, 2009, p.12).



Por último, na categoria de gêneros jornalísticos informativos temos o **indicador**, o qual segundo autor são matérias que se baseiam em dados objetivos. Elas podem indicar tendências ou resultados de natureza diversa que servem de utilidade para o telespectador, o que lhes dá o sentido de um jornalismo de serviço. Como os indicadores podem ter um caráter permanente e repetitivo, exemplo previsões meteorológicas, números do mercado financeiro e resultados de pesquisas eleitorais, esse tipo de matéria tende a seguir um modelo já elaborado, somente preenchendo formulários (REZENDE, 2009, p.12).

Por outro lado, com o objetivo de identificar o gênero jornalismo opinativo, Rezende (2009) em seu texto coloca três formatos: **editorial**, **comentário** e **crônica**.

O **editorial** se caracteriza como um texto que é lido pelo apresentador e exprime a opinião da emissora sobre alguma questão. Em alguns casos, ele pode também representar a opinião dos editores do telejornal e deixa de ser anônima (REZENDE, 2009, p.13).

Seguindo a identificação dos formatos temos o **comentário** que se define como matéria jornalística em que o jornalista é especializado no assunto, seja ele economia, política nacional, meio ambiente. Muitas vezes, além de explicar os acontecimentos, o jornalista orienta o público, que pode também ser caracterizado por uma conotação de jornalismo de serviço (REZENDE, 2009, p.13). Além disso, “ao comentarista não deve faltar agudeza crítica na análise da informação.” (Cunha, apud. REZENDE, 2009, p.13).

Por fim, temos a **crônica** a qual fica no limite entre informação jornalística e produção literária. A crônica é um gênero opinativo e pode ir além da avaliação jornalística do real. Ela possui um estilo mais livre e tem uma visão pessoal do cronista sobre acontecimentos que passam despercebidos ou pouco valorizados no noticiário. Na televisão, a crônica possui outros recursos além da palavra, como as imagens e a música (REZENDE, 2009, p.13).

Os outros formatos como **coluna**, **charge** e as **cartas ao leitor** são poucos frequentes nos telejornais. Ainda segundo o autor, a coluna é destacada no jornalismo impresso e tem incidência em um formato híbrido na televisão, informativo e diversional (se alternam entre informação, números musicais e dramatização). Em telejornais não se vê muitas charges, elas são vistas em programas como Fantástico, da Rede Globo e Roda Vida da TV Cultura. As cartas também estão praticamente ausentes dos telejornais, elas podem ser vistas hoje em transmissões de jogos em que fortalecem a relação entre TV e telespectadores (REZENDE, 2009, p.13).

Para a construção de um telejornalismo de qualidade Beatriz Becker (2005) leva em consideração a pluralidade, diversidade de informações, sujeitos e personagens, conteúdo que valoriza o interesse público e principalmente a independência política. Durante esse trabalho,

há também uma análise das matérias jornalísticas do JN. Acreditamos que através delas é possível compreender facetas da própria sociedade e contexto histórico a partir do qual emerge o Jornal Nacional, assim como os modelos atuais da edição que sempre necessitam de transformações a fim de se adaptar à sociedade.

### 3. JORNALISMO SOCIOAMBIENTAL

No terceiro capítulo desta monografia, a expressão jornalismo socioambiental será discutida e observada desde a construção até a prática. O termo jornalismo socioambiental, que é o estudo da natureza em conjunto com a sociedade, surge através do, anteriormente denominado, jornalismo ambiental: “na prática, tem sido um jornalismo ‘sobre meio ambiente’.” (GIRARDI, Iza Maria; SCHWAAB, Reges et al., 2012, p.135). Nesse sentido, transformações são propostas ao jornalismo, a fim de compreender a experiência no espaço em que vivemos como uma ecologia:

Fazer conexões que sejam fruto de reflexão, puxar os diferentes fios que tecem uma realidade e desdobrar suas aparências, sondar soluções e propostas são atitudes que têm muito a ver não só com o bom Jornalismo, mas com uma ecologia da experiência no espaço que habitamos. (GIRARDI; MORAES et al., 2021, p. 71)

O Jornal Nacional, objeto a ser “analisado” nesta monografia não é um meio de comunicação especializado e que possui enfoque no tradicional “meio ambiente”, tampouco em jornalismo socioambiental. O jornalismo socioambiental vai além do objetivo de informar ao leitor ou telespectador. Mesmo que ainda não tenha um modelo específico a ser seguido pelos jornalistas, esse “ir além” seria prerrogativa do jornalismo socioambiental, a exemplo da apresentação de uma pluralidade de vozes para estimular o debate, segundo indica o texto “Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental” (2012), das autoras Ilza Maria Tourinho Girardi, Reges Schwaab, Carine Massierer e Eloisa Beling Loose: “A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada.” (GIRARDI e SCHWAAB et al., 2012, p.137).

Para além de se produzir notícias, o jornalismo socioambiental necessita de profissionais que busquem entender a história da sociedade com a natureza, como e por quais motivos os seres humanos não consideram a natureza como parte de nossa vida, como mencionado anteriormente no primeiro capítulo deste trabalho. Mesmo que o telejornalismo não possua editorias específicas, é comum que temas sobre o que convencionamos chamar de meio ambiente tenham uma angulação voltada para os impactos econômicos diretos.

#### 3.2 Crise ecológica e visão de mundo

As pautas relacionadas ao meio ambiente, mesmo que possuam destaque e relevância nos telejornais, principalmente no momento em que as mudanças climáticas ganham

visibilidade nas mídias, as angulações retratadas nos telejornais buscam informar os impactos que essas mudanças causam em nós, seres humanos, obtendo sempre uma visão antropocêntrica, de que o ser humano é o centro do universo e das consequências. Como visto anteriormente, o telejornal tende a aproximar assuntos que fazem parte do cotidiano da sociedade ao construir as narrativas telejornalísticas. Contudo, com a globalização, o mundo e a sociedade sofrem constantes mudanças no espaço, no clima e com isso, no comportamento. No início deste trabalho, foi possível entender como o ser humano se relaciona com a natureza, vista antes como uma parte além de nossa vida, servindo somente como recurso de exploração e comércio. A partir do século XX uma nova questão entrou em discussão nos países mais desenvolvidos tecnologicamente e mais ricos: a crise ecológica. O que trouxe junto um novo olhar para o meio ambiente. Segundo as pesquisadoras Eliege Maria Fante e Cláudia Herte de Moraes, no livro “Jornalismo Ambiental: teoria e prática” (2018), foi durante esse século que começamos a refletir sobre o meio em que vivemos: “A crise ecológica, instalada especialmente no século XX em escala mundial, evidenciou a finitude dos bens naturais e coletivos e a consequente insustentabilidade do modelo de desenvolvimento econômico.” (MORAES; FANTE, 2018, p.51). Dentre vários acontecimentos que marcaram essa época, estão um nevoeiro de poluição que ocorreu em Londres no ano de 1952, conhecido como *Big Smog*; o derramamento de petróleo ao mar depois de um acidente na plataforma britânica Torrey Canyon em 1967; e acidentes químicos e nucleares, entre eles o de Chernobyl na ex-URSS, em 1986, e inclusive no Brasil, na Vila Socó (hoje Vila São João), na cidade de Cubatão-SP. O desastre foi um marco histórico para o país, hoje esquecido por muitos. “O incêndio foi provocado por um vazamento no oleoduto Santos-São Paulo, que transportava gasolina da Refinaria de Capuava, em Mauá, para o Terminal da Alemoa, em Santos, de onde era exportado.” (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016). Além das consequências desastrosas na fauna e flora, causadas no mangue pela contaminação, muitas pessoas foram atingidas pelo incêndio. Segundo o Ministério Público de São Paulo estimou-se que 700 pessoas morreram, entretanto, na época, o Brasil em Ditadura Militar identificou oficialmente apenas 93 corpos. A vila simples, ficava no caminho por onde passava o oleoduto, a maioria dos moradores, segundo a reportagem da Pública, eram migrantes nordestinos que buscaram no complexo industrial de Cubatão melhoria de vida e emprego. Além desse acidente, muitos outros também poderiam ser evitados. A reportagem citada, por exemplo, indica falha humana:

A falha humana foi constatada em sindicância da própria Petrobras. As válvulas que ligavam as linhas de transporte da gasolina aos tanques não se abriram por “um erro operacional”, ocasionado por “problemas de comunicação”. Mas a “culpa consciente” pelo incêndio saltou aos olhos dos promotores ao examinarem um ofício encaminhado por Ueki ao então governador de São Paulo, Franco Montoro, dois meses antes da tragédia. Ueki alertava para o risco iminente de um incêndio e pedia que fossem tomadas providências para remover as pessoas que viviam na Vila Socó. (AGÊNCIA PÚBLICA, 2016).

Após quase 40 anos do desastre, ou diria “crime”, na cidade de Cubatão-SP, percebe-se várias semelhanças com outros crimes ambientais ainda vistos nos últimos 10 anos.

Outros exemplos podem ser lembrados, em 2020 foi possível ver as consequências das intensas queimadas no Pantanal que causaram recordes de incêndios nos 10 primeiros meses do ano passado. Em setembro, uma enorme nuvem de resíduos causados pelas queimadas se deslocou para os estados do sudeste do país e durante os meses, os noticiários dos telejornais foram marcados por reportagens e matérias que cobriam o desastre ambiental. Além disso, houve uma perda significativa de biodiversidade da região do Pantanal, espécies que já estavam extintas foram afetadas. Segundo a WWF-Brasil, estima-se que 49% dos ninhos cadastrados pelo Instituto Arara-Azul foram impactados pelo fogo.

As mudanças climáticas não são novidade, vemos diariamente notícias relacionadas ao meio ambiente durante décadas. Entretanto, a crise climática nunca se tornou tão preocupante como hoje. Talvez, não seja somente as consequências que ganham mais proporções, mas os pensamentos e as mudanças de posição de governos, empresas e cidadãos comuns. O fato é que a globalização trouxe também facilidade e a rapidez ao obter informações. Seja através da televisão, celular ou computador.

Seguindo o tema de crise ambiental e climática, no ano de 2021 aconteceu a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), realizada entre os dias 1 e 12 de novembro, na cidade de Glasgow, na Escócia. Com quase 200 delegações de países que participaram da conferência, o objetivo foi apresentar novas metas que ajudem a reduzir a emissão de carbono a fim de conter o aquecimento global. Para que essas mudanças sejam realizadas, as metas já estabelecidas pelo Acordo de Paris foram retomadas e também devem ser cumpridas. Quando o assunto é meio ambiente, mais uma vez colocamos em paralelo o tema, economia. Países desenvolvidos que possuem um grande mercado de empresas que utilizam o carvão como fonte de energia também foram pautados durante a conferência. De acordo com uma matéria do site da BBC, durante a COP26, 40 países, incluindo Reino Unido, Canadá e Polônia, assinaram um acordo paralelo para eliminar o uso

de carvão mineral de sua matriz energética entre 2030 e 2040. Entretanto, essa lista não inclui os dois maiores emissores do mundo: China e Estados Unidos. (BBC, 2021). Essa questão foi bastante polêmica e discutida, a desigualdade entre as nações mais ricas e as mais pobres. A conferência tentou criar um mecanismo chamado "perdas e danos", para reparar os danos causados pelos efeitos das mudanças climáticas, mas os países ricos não concordaram com esse novo mecanismo.

“Viemos para negociar um acordo robusto sobre as perdas e danos sofridos. Queríamos mais financiamento para nossa ação climática. Esperávamos obter apoio para nossas situações e necessidades particulares. Nós imploramos como fizemos na COP22, COP23, COP 24, COP 25... Esperávamos ser ouvidos, mas como em reuniões anteriores, nosso pedido foi rejeitado”, disse à RFI o ministro do Meio Ambiente do Quênia, Keriako Tobiko. (G1, 2021).

Esta polêmica muito discutida demorou para ser encerrada e ainda gera indignação por parte dos governantes dos países pequenos e ativistas ambientais. Países menos desenvolvidos não poluem tanto como países grandes, mas gastam muito comparado ao valor do PIB. É o caso de países africanos, “que emitem apenas 3% das emissões de gases de efeito estufa, mas que já gastam, por ano, 10% do seu PIB com os impactos climáticos.” (G1, 2021). Enquanto isso, China e Estados Unidos representam 40% das emissões de gases do planeta (G1, 2021).

É possível perceber através da conferência, que mais uma vez os países tentam criar metas para que a crise climática seja revertida, e mais uma vez o ser humano coloca na “balança” meio ambiente e economia, sem pensar nas consequências para o planeta, principalmente quando o assunto é populações mais pobres que muitas vezes são mais afetadas por falta de recursos. Desse modo, esbarra-se na questão discutida desde o primeiro capítulo deste trabalho, a relação harmônica entre natureza e cultura, a qual ainda apresenta barreiras no pensamento humano em relação aos recursos naturais que são obtidos a partir do Planeta Terra.

Mesmo que a ideia de sustentabilidade tenha começado a ganhar visibilidade após as crises ecológicas que assustaram a população e os governos a partir da década de 60, o jornalismo socioambiental ainda é novidade, principalmente para os veículos de massa. Para entender a construção do jornalismo e o conceito socioambiental é necessário voltar e recorrer à história. Para as autoras Eliege Maria Fante e Cláudia Herte de Moraes, o conceito de jornalismo socioambiental (antes ambiental) começa a ser construído através da revisão de paradigmas e de questionamentos desses padrões de mundo. Seria o início de uma ruptura.

Esta visão impacta as pessoas e o coletivo como uma forma de chegar ao conhecimento, incluindo teorias, valores, instrumentos, processos, técnicas, métodos e conceitos para a busca de conhecimento. Pensar o funcionamento dos paradigmas contribui para questionar o que nos é apresentado como modelo vigente, como a visão de mundo “padrão”. (FANTE; MORAES, 2018, p. 53)

As autoras explicam então que há dois paradigmas, o Ecológico e o Moderno: o primeiro se refere ao impulsor do conceito de sustentabilidade, como veremos mais abaixo. Já o Paradigma Moderno resulta dos estudos de vários cientistas, que por ventura questionavam o anterior Paradigma Clássico<sup>1</sup>. No início deste trabalho foi mencionado um pouco sobre a história da modernidade e de maneira sucinta o papel da ciência moderna. É possível entender através do primeiro capítulo desta monografia, alguns traços desta visão de mundo dos estudiosos da época, os quais possuíam um lado mecânico para os acontecimentos. Essa visão chamada de cartesiana, segundo as autoras Fante e Moraes, analisavam e estudavam o ser humano e o mundo por partes, separados, assim como as máquinas. Esta visão fragmentada também é considerada neutra, somente ligada às questões científicas sem qualquer tipo de relação com disputas sociais (FANTE; MORAES, 2018).

A ideia central do PM [Paradigma Moderno] está na forma de compreender o mundo; os objetos passam a ser dissecados em partes na busca da compreensão do todo, gerando fragmentação. Podemos entender que tem caráter determinista, com a causalidade mecânica, pensamento linear e causa-efeito, ocasionando a simplificação da realidade. A metáfora da máquina se complementa com a do relógio. Quando algo funciona bem, muitos dizem “funciona como um relógio”, por isso, se afirma que o pensamento moderno é funcionalista. (FANTE; MORAES, 2018, p. 54).

O fazer jornalismo, a exemplo da construção de narrativas, matérias e reportagens, amplificam um conjunto de bagagens, não só de conhecimentos teóricos do jornalismo, mas de visão de mundo. Observar nossa cultura, como os seres se relacionam entre si e com o ambiente em que vivem, entender os povos que habitam e convivem em sociedade, faz com que compreendemos melhor o jornalismo socioambiental, e entendemos como ele deve ser construído e aplicado. Diferente da visão fragmentada, o meio ambiente e a cultura devem estar relacionados, principalmente quando há uma pauta ambiental para ser investigada. No primeiro capítulo também foi discutido as relações de dominação entre homem, natureza e outras culturas ou visões de mundo, como aquelas dos povos indígenas. A lacuna em deixar

---

<sup>1</sup> Paradigma Clássico: “[...] o paradigma clássico defendia a visão de um universo esférico, finito e com uma estrutura surpreendentemente ordenada, portanto, acabada. Dentro dele, o homem permanecia um ser fechado, completo, perfeito” (HÜHNE, 1987 apud NONATA, 2007 apud FANTE; MORAES, 2018, p. 53 ).

de entender outras maneiras de ver o mundo e o ego sobressaíram durante os séculos de construção da humanidade, e infelizmente são percebidos hoje.

A visão mecanicista, de conhecimento fragmentado, opera a valorização do método e do conhecimento científico como neutro, sem ligações com as disputas sociais. Aqui, a ciência e a tecnologia são utilizadas a partir da ideia do domínio da natureza em direção ao progresso incessante. A visão moderna foca no uso da alta tecnologia, logo, é tecnocêntrica. Seres humanos são colocados numa relação de dominação ante os demais seres e a natureza, com o uso de “recursos” para o progresso e riqueza. (FANTE; MORAES, 2018, p. 54).

Do outro lado, em contraponto com o Paradigma Moderno temos o Paradigma Ecológico. É a partir dos estudos desse conceito que são instaurados questionamentos sobre a relação de um mundo fragmentado do Paradigma Moderno. Dessa vez, as visões de mundo estão conectadas, tudo é um só e deve ser visto como mutualidade. “O PE coloca que não há modelo capaz de explicar os fenômenos, e o observador não é neutro, pois é influenciado por seus objetos.” (Capra apud FANTES; MORAES, 2018, p. 55). É então por meio de estudiosos como Fritjof Capra que a ideia de um mundo com recursos finitos começa a ser observada. Um ponto importante para ressaltar essa visão de mundo único, defendido pelo Paradigma Ecológico, foi a COP26, mencionada anteriormente. Nos últimos anos, os povos indígenas não tinham espaços para falarem e debaterem questões sobre o meio ambiente durante a conferência. Em 2021, houve um destaque importante, líderes indígenas de diversos países foram recebidos para falar no evento. A brasileira Sônia Guajajara, líder indígena, comentou sobre as mudanças em um evento sobre a Amazônia do Jornal New York Times: “82% da biodiversidade no mundo está dentro de territórios indígenas. É por isso que não estamos aqui, para dizer que esses territórios têm que continuar sendo protegidos. E para isso, é necessário proteger a vida dos povos indígenas”. (GUAJAJARA, 2021).

A presença dos povos indígenas na COP26 foi significativa para que as visões e pensamentos culturais destas pessoas também fossem colocados em posição. O advogado Dinamã Tuxá, integrante da diretoria da Articulação dos Povos Indígenas (Apib) reitera a importância da participação indígena: “Na história da COP, é a maior delegação indígena, a maior presença indígena de todo o globo. Mas é importante frisar que estamos vivendo uma crise irreversível. Os governos entenderam que os indígenas têm um poder importante. É um avanço, sim”. (TUXÁ, 2021). Mesmo que a COP26 tenha recebido líderes indígenas, há um contraponto, a relação destes povos com o governo de seu próprio país. No caso do Brasil, ainda não é possível observar um diálogo sustentável, em que os pensamentos capitalistas se



sobressaiam mesmo com a crise climática, é o que comenta o líder indígenas, Alberto Terena, também dirigente da Apib.

Enquanto você tem um governo que diz que está pronto para assinar um acordo em defesa do meio ambiente, você tem um ministro que fala que a floresta só tem pobreza. O nosso olhar de povo tradicional e povo indígena é de riqueza. Quando você olha para a floresta só como algo que dê lucro, talvez você enxergue pobreza. (TERENA, 2021).

### **3.3 A necessidade de um jornalismo sistêmico**

O jornalismo deixou de ser somente uma fonte de informação, ele passa a ser considerado cada vez mais um veículo que influencia cidadãos e educa a sociedade. Podemos ver um exemplo disso no jornalismo socioambiental. Anteriormente denominado jornalismo ambiental, ele era o fazer jornalístico sobre o meio ambiente, que buscava transmitir à população narrativas ligadas aos acontecimentos diários. Entretanto, foi visto anteriormente nesta monografia que, a partir de certa mirada, o meio ambiente e o ser humano não podem ser tratados como duas entidades separadas, sendo a existência de ambos relacional. Assim nasce o conceito socioambiental, o qual busca observar em conjunto sociedade e meio ambiente. Surge então uma nova proposta de “consciência social e coletiva.” (Capra apud GIRARDI; SCHWAAB, et al., 2012, p.137). Novamente as autoras, Iza Maria Girardi e Reges Schwaab afirmam que o jornalismo deixa de ser centrado em um único assunto e passa a ser considerado uma fonte de diversidade e pluralidade, principalmente de vozes. O jornalismo socioambiental ainda se afasta das outras especialidades, sejam elas o jornalismo cultural, científico ou econômico. “(...) o jornalismo ambiental ultrapassa o jornalismo científico porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões.” (Bacchetta apud GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.137). O socioambiental insere então a ideia de “visão sistêmica, ou seja, a relação primordial do todo e das partes, sem isolá-las.” (GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.138).

Para se pensar no fazer jornalismo sistêmico e nas mudanças que devem ser proporcionadas ao jornalismo socioambiental é fundamental que o entendimento das relações entre cultura e natureza faça parte também dos conhecimentos do jornalista. É a partir dele, muitas vezes, que a prática sobre o debate ambiental se inicia, já que o profissional é o elo entre informação e telespectador ou leitor, não sem agregar aí suas próprias subjetividades. A pluralidade de vozes também se torna primordial, como já mencionado.

refêns da lógica do noticiário, que se alimenta de novidades e de eventos dramáticos. Ainda assim, a maioria dos entrevistados se sente pessoalmente mobilizada e acredita que a problemática vem ganhando cada vez mais espaço no setor, tendência que deverá perdurar. Acreditam ainda que, do mesmo modo com que surgiu um jornalismo especializado em questões ambientais, o mesmo deverá ocorrer com mudanças climáticas. (Crespo e Vilella, apud GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.140).

Segundo as autoras, o jornalismo socioambiental não deve ser visto como uma pauta de aula sobre ecologia, mas é o jornalista que explica os conceitos e termos técnicos, denunciando acontecimentos de maneira responsável e ética para assim provocar reflexões na sociedade. “(...) Reiteradas vezes encontramos apelos para que os responsáveis pela cobertura de meio ambiente busquem conhecimento prévio, reduzindo o risco de serem meros porta-vozes de suas fontes e reprodutores de pretensos consensos oficiais.” (GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.141).

Partindo da ideia de jornalismo sistêmico, é possível perceber por meio dos veículos de comunicação como o jornalismo socioambiental caminha devagar e enfrenta desafios que afastam pautas importantes das edições jornalísticas. Ainda seguindo o texto “Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental” (2012), uma pesquisa realizada junto às editorias de “Geral” dos jornais Correio do Povo e Zero Hora, Massierer (2007) demonstra como os veículos constroem as matérias ambientais. Mesmo que os jornais citados não sejam o foco de análise nesta monografia, é possível através dos resultados criar analogias com as edições do Jornal Nacional, já que o jornalismo socioambiental ainda é pouco trabalhado nos veículos de massa. Nesse levantamento, a pesquisa aponta que as matérias sobre meio ambiente tinham pouco espaço, eram publicadas separadamente das demais e “normalmente subordinadas a critérios políticos e econômicos.” (GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.141). O diretor-executivo do Jornal Zero Hora na época afirmava que o motivo das pautas serem escassas era a falta de interesse do público com o tema. Outra análise feita no estudo citado: é possível encontrar nas matérias falta de contextualização das pautas, além da utilização das mesmas fontes oficiais. Outros fatores discutidos no texto “Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental” (2012) trazem o “mercado” como um dos aspectos que mais influenciam na hora de veicular ou produzir matérias jornalísticas. Todas as defasagens e os desafios sentidos durante a construção de matérias socioambientais trazem à tona contextos capitalistas e econômicos, mesmo que as pautas tenham relevância e sejam assuntos de interesse público. Segundo a pesquisa, eram raros os veículos dispostos a construir uma equipe especializada em explorar as pautas do jornalismo socioambiental. (GIRARDI;

SCHWAAB, 2012). Nos Estados Unidos, a cobertura realizada pelos jornais era focada nas respostas do lead e nos relatos de especialistas ambientais.

### **3.4 Não há neutralidade quando o assunto é jornalismo**

Ainda há quem defenda que o jornalismo deve ser imparcial e neutro, apenas informar um acontecimento. Apesar disso, o profissional sabe que não existe um fazer jornalismo neutro e imparcial, principalmente porque cada ser humano carrega uma bagagem e as matérias jornalísticas são narrativas construídas a partir de um fato. Quando o assunto é meio ambiente, fica mais esclarecido que a neutralidade não existe. É o que defende o jornalista André Trigueiro; “Não há terreno para neutralidade ao se falar em poluição, do mesmo modo que nenhum jornalista defenderia a corrupção.” (Trigueiro apud SCHWAAB, 2018, p.70).

Para além das matérias e notícias sobre o meio ambiente, temos as reportagens, que possuem outros objetivos, geralmente mais profundos em relação à pauta escolhida. Segundo Reges Schwaab (2012), uma reportagem deve ser complexa, apresentar possíveis conflitos. Para isso é necessário um trabalho incansável, ir a campo, fazer levantamento de dados e encontrar evidências. A reportagem produz outra dimensão dentro do jornalismo, ela pode trazer elementos que são fundamentais no entendimento do leitor ou telespectador. A partir da narração, imagens e voz, elas revelam uma imaginação para quem a recebe.

Ao juntarmos as ideias de sustentabilidade, os novos pensamentos de relação do homem com a natureza e a preocupação com as mudanças no meio ambiente, o fazer jornalístico se revela um importante discurso de conexões que levam a sociedade a refletir sobre as explorações consequentes do capitalismo.

Há alguns fatores importantes na hora de se pensar em construir uma reportagem com camadas de profundidade, que teria potencial para complexificar o assunto. Reges Schwaab (2012) apresenta uma classificação desses fatores:

- a) Elementos éticos: como os interesses políticos, humanos ou condutas individuais podem influenciar positivamente ou negativamente no ambiente (natural, cultural). Além do olhar futuro, relacionado à preocupação sobre como as próximas gerações irão receber as consequências dessas influências.
- b) Elementos ecológicos: como uma teia, os elementos ecológicos se referem às maneiras de relacionamento entre as comunidades com o meio onde vivem. Além dos danos observados entre essas interações.

- c) Elementos políticos: estão relacionados com as responsabilidades sociais entre as esferas de poder público – Federal, Estadual e Municipal. Pode-se incluir as ações ou falta delas perante a sociedade.
- d) Elementos econômicos: as condições econômicas das comunidades, lucro, ganho, perda, investimentos, números e dados relacionados à economia do local.
- e) Elementos sociais: caracterizados pelas ações individuais que possam interferir na vida em sociedade, relações de poder, desigualdade e exploração do meio ambiente.
- f) Elementos legislativos: leis que devem proteger não somente a sociedade, mas o ambiente em que vivem, conseqüentemente elas deveriam gerar mais qualidade de vida à sociedade.
- g) Elementos históricos: caracterizado por elementos importantes como documentos, memórias, relatos que podem auxiliar na narrativa ao buscar uma diversidade de fontes. Além de humanizar as falas ao compreender a história dos personagens.
- h) Elementos culturais e estéticos: são os valores culturais de uma região, como lendas, história cultural, peças artísticas que manifestam a identidade de uma população.

Assim, é possível inferir que o conhecimento de fatores que auxiliam na produção de uma reportagem pode contribuir no oferecimento de uma informação mais completa e apurada, ao gerar não somente um apelo educacional para o leitor ou telespectador, mas uma reflexão sobre os fatos narrados, os quais fazem parte da rotina de uma sociedade e das conseqüências sentidas pelas mudanças no meio ambiente que fazemos parte.

\*\*\*

As discussões teóricas trazidas neste trabalho são essenciais para entender como o jornalismo socioambiental é veiculado na mídia de massa, em um caso específico no Jornal Nacional. Por meio do primeiro capítulo, “A natureza por outros olhares”, foi possível observar os modos como podem se relacionar seres humanos e meio ambiente. Diante de um resumo de alguns acontecimentos históricos, foi possível identificar momentos que fazem a humanidade ocidental capitalista viver separada da natureza ao olhar para ela como somente

um recurso natural de vida e lucro. O segundo capítulo nos direciona para o telejornalismo, recorte o qual será analisado neste trabalho. Como observado neste capítulo, o telejornal brasileiro segue um método norte americano ao produzir as edições. Seja a vinheta, o perfil dos apresentadores, o diálogo com o público ou a escolha das pautas. Neste terceiro capítulo, falamos um pouco do jornalismo socioambiental, primeiro trazendo contextos já discutidos sobre a relação entre ser humano e natureza para somente assim colocarmos em questão o jornalismo. Principalmente, porque o fazer jornalístico está relacionado com a nossa cultura e nossa maneira de olhar para o meio ambiente. Após entendermos o conceito natureza versus humanidade, foi possível observar a construção histórica do jornalismo socioambiental, anteriormente denominado ambiental. A crise climática e as mudanças drásticas no planeta fizeram com que governos e países começassem a mudar a maneira de utilização dos recursos naturais, assim essa temática passa a ser vista com mais frequência no jornalismo. Mesmo assim, o jornalismo socioambiental caminha para compreender e construir uma nova estrutura, sempre visando harmonizar seres humanos e meio ambiente, como um só.

#### 4. ANÁLISE

A reflexão teórica apresentada ao longo desses capítulos nos auxilia a esboçar um percurso metodológico possível, a fim de dar conta do objetivo desta pesquisa, que é entender o fazer jornalístico socioambiental por meio da análise da edição do dia 16 de outubro de 2021 do Jornal Nacional, visto que segundo o jornalista especialista em meio ambiente, André Trigueiro convida em sua rede social os telespectadores a assistir esta edição que possui “um bloco forte de temáticas ambientais” (TRIGUEIRO, 2021). A partir disso, a análise irá observar quais as relações entre a edição com o jornalismo socioambiental e se podemos considerar essas pautas socioambientais.

Assim, para que o objetivo do trabalho seja alcançado, iremos analisar a edição, norteados pelo que propõe Iluska Coutinho (2018) em sua análise da materialidade do audiovisual. Por meio da pesquisa de Coutinho, é possível analisar os elementos do JN para sustentar sua organização narrativa, a fim de evidenciar o lugar do método e das técnicas, considerando a ideia de uma dramaturgia do telejornal: a existência de personagens clássicos (vilões, mocinhos, especialistas, vítimas, etc.), os quais são posicionados estrategicamente ao longo da narrativa e estão envolvidos em um (ou mais) conflito narrativo (que pode ser mais ou menos aderente a um conflito social). Em um primeiro instante, Coutinho coloca em análise o conflito narrativo, para assim compreender a estrutura do telejornal a partir de acontecimentos ou situações problemas que levaram ao veículo a apurar o fato. Por meio do conflito, são constituídos ganchos que nos levam a observar disputas, personagens e dramas cotidianos. Outro aspecto que é utilizado na análise são os personagens. Coutinho defende que cada personagem é evidenciado a partir de estereótipos já observados na sociedade. Assim como nas obras literárias e romances, há também uma dramatização na estrutura das pautas dos telejornais e podemos perceber mocinhos e vilões ligados aos personagens que são entrevistados ou fazem parte das edições dos telejornais. Seguindo a ideia de dramatização, Coutinho diz que também é possível observar um percurso narrativo, ou seja, se há um “roteiro-chave” na construção de matérias jornalísticas e como o veículo hierarquiza as informações durante a edição do telejornal. Para fechar, a autora destaca também a identificação das vozes, quem são os entrevistados, além da utilização de imagens e sonoras relacionadas com o uso das entrevistas, considerando o tempo e o modo de apresentação dos personagens e repórter (COUTINHO, 2018, p.180). No momento da análise em si, iremos explorar melhor as categorias proposta por Coutinho, a fim de compreender que tipo de

construção narrativa (e quais seus personagens) é mais comumente acessada no que tange à pautas com temáticas ambientais.

Também iremos acessar o que propõe Nelson Traquina em seu texto “Teorias do Jornalismo Vol. II: A tribo Jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional” (2005). O pensamento de Traquina se torna relevante para entender, mesmo que em um vislumbre, as escolhas das pautas do telejornal JN, quais os significados e relevâncias elas possuem para o telejornal. Além disso, outros aspectos como proximidade, notoriedade e tempo são indicadores que auxiliam na observação de como essas matérias fazem parte do cotidiano dos brasileiros, já que o telejornal narra os fatos do dia a dia do país e do mundo. Segundo Traquina (2005) os valores-notícia são um elemento central da cultura do jornalismo. A visão que temos hoje das notícias são consequência da seleção dos valores-notícia ao narrar um acontecimento do cotidiano. Ainda segundo o texto, os jornalistas possuem dificuldades em expressar o que é uma notícia e o que é importante ou o que interessa ao público (Golding; Elliott apud. TRAQUINA, 2005, p.62). O autor também defende que os valores-notícia são como óculos particulares que revelam aquilo que os jornalistas querem ver: “Os jornalistas têm seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado.” (Bourdieu apud. TRAQUINA, 2005, p.77).

Com base no pensamento de Traquina podemos classificar os valores-notícia em: **morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, inesperado e conflito.**

A morte é algo considerado fundamental para o jornalismo e ela é informada com frequência nos jornais e telejornais: assassinatos, bombardeios e funerais são pautas noticiosas e ganham destaque a depender da notoriedade, outro valor-notícia. A notoriedade se caracteriza pela importância do personagem ou entrevistado da notícia, exemplo de governantes, pessoas de elite e artistas famosos. Há uma hierarquia na seleção de pautas e as pessoas consideradas importantes são colocadas nessa lista. A proximidade também é levada em consideração quando os jornalistas escolhem as pautas para a apuração. Esta pode ser geográfica ou cultural, mas precisa estar próxima a vida do telespectador. É importante lembrar que as notícias devem ser relevantes para o público e devem ter um impacto na vida da sociedade, assim a relevância torna-se um valor-notícia de destaque. A novidade é algo que chama a atenção dos jornalistas, aquilo que é considerado novo pode ser valor-notícia, pois também desperta o interesse do público. Por outro lado, Traquina diz que nos trabalhos do jornalismo investigativo há uma dificuldade em retomar a assuntos antigos sem utilizar um

novo assunto para falar, visto que o público se interessa muito pela primeira vez (TRAQUINA, 2005, p.81).

O fator tempo é considerado um valor-notícia na forma da atualidade, um acontecimento que foi transformado em notícia pode servir de gancho e justificativa para outros assuntos, como em aniversários e aniversários de morte. Como o próprio nome significa, a notabilidade é algo que precisa ser visto, notável. Ela se caracteriza por evidenciar acontecimentos tangíveis, a exemplo de greves. Os outros valores-notícia, como o inesperado e o conflito também são destacados nos veículos jornalísticos. Quando algo é considerado um mega acontecimento ou surpreende tanto os jornalistas que pode provocar um caos na redação, provavelmente ele será pautado, por isso é denominado de inesperado. O conflito está ligado a violência física ou simbólica. Ainda segundo o autor, a violência pode representar uma ruptura na ordem social e servir de critério de noticiabilidade. Finalmente, temos a infração, ou seja, a violação das regras, o qual é muito percebido em crimes e que são recorrentes nos veículos de informação (TRAQUINA, 2005, p.85).

#### **4.1 O Jornal Nacional e o “bloco forte de assuntos ambientais”**

Criado em 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional mais conhecido como JN entrava nos lares brasileiros em um horário nobre da televisão para fazer parte da vida da população. Há mais de 50 anos o JN faz coberturas sobre os acontecimentos do Brasil e no mundo. Caracterizado por ser o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional no país, o JN é hoje líder de audiência, mesmo que outros telejornais também façam parte da programação da televisão aberta no Brasil, segundo a pesquisa realizada pelo Reuters Institute Digital News em Reports 2020<sup>2</sup>.

A voz grave e marcante do jornalista e apresentador Cid Moreira abriu a primeira edição do telejornal que na época atingia cerca de 70 milhões de brasileiros. “O *Jornal Nacional* da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil”. (MEMÓRIA GLOBO. 2021). Com essas palavras, do outro lado da bancada o apresentador Hilton Gomez iniciava pela primeira vez o JN.

---

<sup>2</sup> Reuters Institute Digital News em Reports 2020: Disponível em: <[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf)>. Acesso em: 28 de jul. de 2021).



Entre tantas reportagens e notícias, o Jornal Nacional ganhou destaque e pertencia cada vez mais à casa dos brasileiros. Mesmo que a rádio estivesse muito próxima à população, a inauguração do telejornalismo que trazia imagens e vídeos marcou a época e trouxe uma nova maneira de fazer jornalismo. No dia de estreia, o JN foi notável, uma das matérias noticiava que o Brasil poderia entrar em uma ditadura após problemas de saúde do então presidente Costa e Silva. (MEMÓRIA GLOBO. 2021). O anúncio foi exibido no telejornal pelo Ministro Delfim Neto. “Eu cheguei para apresentar o JN, vi aquele nervosismo, todo mundo preocupado. Fiz meu trabalho normal, porque eu ainda tinha na cabeça a ideia de locutor de rádio. No dia seguinte, saiu na capa de O Globo. Tive a dimensão do significado”. (MOREIRA, Cid. Memória Globo, História. 2021).

Uma pesquisa realizada pelo Reuters Institute Digital News em Reports 2020, com apoio da Universidade de Oxford, mostrou que semanalmente a TV Globo, incluindo o Jornal Nacional, é a marca mais assistida pelos brasileiros com cerca de 56% de uso semanal da TV Globo através dos brasileiros, comparada aos outros veículos. A Record TV está em segundo lugar, com 43% de audiência semanal e a TV SBT em terceiro com 37%. Por outro lado, a utilização da televisão em busca de informação e notícias caiu 9% durante os anos de 2013 (75%) a 2020 (66%). Já a utilização de mídias sociais cresceu de 47% para 67%, considerando o mesmo período. Para assistir ou buscar informações, entre os aparelhos utilizados, aparece em primeiro lugar o celular (76%), seguido do notebook (43%) e por último os tablets (10%). Com esses dados é possível compreender como meios online e os eletrônicos compactos como o celular ganharam força e, segundo a pesquisa citada, se tornaram os principais meios de informação para os brasileiros em cerca de 10 anos.

Um aspecto que fez com que o Jornal Nacional continuasse a ser fonte relevante de informação para as pessoas, mesmo “longe” da televisão, foi a difusão e tradução de seus conteúdos para outras plataformas digitais. Podemos ver que o JN está nas redes sociais, a exemplo do Twitter, com 6,2 milhões de seguidores (até o dia 05 de janeiro de 2022) e Instagram, com 155 mil seguidores (até o dia 05 de janeiro de 2022). Uma outra mudança foi a transmissão do Jornal Nacional pelo streaming Globo Play. Nele, os assinantes podem assistir ao telejornal ao vivo ou quando quiserem, já que as edições ficam salvas no aplicativo. Mas qual o objetivo do JN ao utilizar multiplataformas? É perceptível que através dos celulares ou computadores o Jornal Nacional fica ainda mais próximo do brasileiro. Não é preciso estar em casa e ligar o aparelho de televisão para escutar o “Boa Noite” dos apresentadores.

**Imagem 6 - Página do Jornal Nacional no Twitter**



Fonte: <https://twitter.com/jornalnacional>. Acesso em: 05/01/2022

**Imagem 7 - Página do Jornal Nacional no Instagram**



Fonte: <https://www.instagram.com/jornalnacional/>. Acesso em: 05/01/2022

Para a análise deste trabalho, foram selecionados formatos noticiosos que tratavam de pautas ambientais na edição do Jornal Nacional do dia 16 de outubro de 2021, especialmente o formato reportagem, por ser um modo mais elaborado de trabalhar o acontecimento, como enfatiza Guilherme Jorge Rezende (2009). Na semana de exibição desta edição, em termos de audiência, o Jornal Nacional ficou na 4ª posição, com 7430,128989 Rat# (em milhares), ficando somente atrás das novelas da própria TV Globo, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Entre os motivos escolhidos para analisar essa única edição está uma publicação na rede social Instagram feita pelo jornalista André Trigueiro, especialista em pautar temáticas ambientais. No dia 16 de outubro, André convida seus seguidores a assistirem ao Jornal Nacional, pois naquela específica edição o telejornal falaria sobre temas importantes relacionados ao meio ambiente:

Quis o destino que neste plantão no JN, além do bloco forte de assuntos ambientais, eu tivesse a honra de apresentar o VT do gigantesco painel pintado em SP pelo amigo @mundano\_sp denunciando as queimadas criminosas com tintas feitas das cinzas da Amazônia e do Pantanal. Bom domingo a todos! (TRIGUEIRO, 2021 via Instagram)

**Imagem 8 - Página do André Trigueiro no Instagram**



**Fonte:** [https://www.instagram.com/p/CVHKE39MMAI/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/p/CVHKE39MMAI/?utm_medium=share_sheet). Acesso em: 16/02/2021

Considerando isso, acreditamos que a partir da análise de alguns formatos noticiosos relacionados ao meio ambiente na referida edição temos indícios de como o jornalismo socioambiental é pautado no Jornal Nacional, nosso objeto de estudo. Vale ressaltar que no telejornalismo não há editorias específicas. É o que acredita Coutinho: “no caso do telejornal não há apresentação agrupada de matérias de cada editoria” (Coutinho, 2003 apud LINHALIS, 2009 p.103)<sup>3</sup>. Ainda que não possamos classificar de modo rígido as matérias em editoriais no telejornal, optamos por uma classificação temática para que tenhamos um melhor entendimento dos tipos de conteúdo abordados. Nesse sentido, no quadro abaixo, apresentamos uma primeira classificação dos conteúdos que iremos analisar, considerando a ordem em que aparecem na edição, o título/manchete, o formato noticioso, os temas relacionados e a duração de exibição:

<sup>3</sup> Com exceção da Editoria de Esportes que geralmente possui jornalistas especialistas no tema.

**Quadro 1: Ordem das reportagens da edição do dia 16/10/2021 do JN**

<b>Ordem</b>	<b>Título (retirado do site do G1)</b>	<b>Formato noticioso</b>	<b>Tema</b>	<b>Duração</b>
1 <sup>a</sup>	Naufrágio de barco deixa sete mortos no Pantanal	Reportagem	Cidades e meio ambiente	1'14" - 4'46"
2 <sup>a</sup>	Treze cidades ficam sem luz por causa de vendaval no Triângulo Mineiro	Reportagem	Cidades e meio ambiente	4'55" - 6'32"
3 <sup>a</sup>	Em seca histórica, leito do Rio Paraguai fica seco em algumas áreas	Reportagem	Meio ambiente e economia	9'26" - 11'35"
4 <sup>a</sup>	Moradores do interior de SP pensam em novas alternativas para economizar água	Reportagem	Meio ambiente, cidades e economia	11'48" - 14'25"
5 <sup>a</sup>	Mercado de créditos de carbono representa potencial bilionário	Reportagem	Meio ambiente, economia e agronomia	14'44" - 17'55"
6 <sup>a</sup>	Cinzas recolhidas de queimadas de biomas brasileiros viram arte em São Paulo	Reportagem	Meio ambiente e cultura	18'13" - 20'55"

**Fonte:** Elaboração própria

O primeiro formato a ser analisado (em ordem de veiculação) tem como tema “cidade e meio ambiente”. A reportagem gravada sobre o naufrágio de um barco no Pantanal se inicia com a passagem da repórter Graciela Andrade descrevendo o acontecimento, em que corpos são encontrados após o acidente. A causa do naufrágio estaria ligada ao meio ambiente, no sentido de “consequências naturais”, fatalidade. Segundo a matéria<sup>4</sup>, ele aconteceu devido a uma nuvem de fumaça e uma tempestade. A reportagem segue em outra cidade, Campo Grande-MS, em que são registradas outras consequências devido a tempestade. Outras cidades foram atingidas e muitas pessoas ficaram sem energia elétrica.

Para entender melhor a construção da narrativa é preciso indicar, segundo Coutinho (COUTINHO, 2018), os personagens da dramatização telejornalística. É possível identificar cinco personagens, entre eles: um dos tripulantes do barco, Giovanne Furtado Souza, que

<sup>4</sup> Para fins de análise, iremos utilizar o termo “matéria” no mesmo sentido de “reportagem”.

durante a entrevista conta o que teria ocorrido no acidente; Tyroni Furquim, familiar de uma das vítimas do acidente; Jorge Franco, o qual presenciou as consequências dos desastres em Campo Grande-MS; Carla Viana, que também conta a dificuldade em ficar sem energia elétrica; Edson de Almeida, aposentado que precisa conservar os remédios da esposa com diabetes em temperaturas mais baixas, procedimento dificultado pela falta de energia elétrica, e, por fim, Elisabete Ortega, que narra a turbulência no voo durante a tempestade.

Outro aspecto que é preciso ser identificado na construção da narrativa telejornalística é a existência de um conflito narrativo. Nessa primeira reportagem podemos dizer que há um conflito que se inicia com um fato ou acontecimento, no caso o naufrágio do barco, tratado como uma consequência de uma tempestade na região do Mato Grosso do Sul e Pantanal. Sobre essas “situações problemas”, Coutinho afirma que:

Por meio do diálogo com procedimentos de análise estrutural, e da identificação dos tipos de conflito narrativo, foi possível compreender que a estruturação do noticiário televisivo era feita em torno de situações problemas que se constituíam em ganchos ou motores para a apresentação de ações e disputas posteriores, em série de drama cotidianos que somavam nas edições diárias dos noticiários televisivos. (COUTINHO, 2018, p.180).

Por meio do estudo de análise da pesquisa de Coutinho, podemos encontrar os aspectos que levam à construção de uma matéria televisiva. A existência de personagens, como dito anteriormente, é fundamental para que a narrativa não se perca e que os fatos sejam evidenciados de forma que um certo “drama” seja estruturado. Segundo Coutinho, cada personagem se alinha a um estereótipo ou a tipos frequentes nas obras dramáticas e ficcionais, separados mais comumente em vilões e mocinhos, mas não só (COUTINHO, 2018, p.180). Nessa primeira reportagem, não há identificação de um vilão protagonizado por um ser humano, já que não apresenta um culpado. É a tempestade a causadora dos acidentes. Por outro lado, todos os personagens, ou seja, as pessoas entrevistadas podem ser classificadas como mocinhos ou vítimas, já que foram elas que sofreram as consequências.

O percurso narrativo é outro aspecto que merece ser destacado. Segundo a autora é importante entender como o telejornal organiza o tempo, a hierarquização de informações e o encadeamento entre as mensagens (COUTINHO, 2018, p.180). Na reportagem em questão podemos observar que há vários assuntos causados por um único fato, a tempestade, a qual serviu como um gancho para construir o roteiro da narrativa. O primeiro fato narrado foi o naufrágio do barco no Pantanal, o qual leva também a outro aspecto a ser discutido e analisado: os critérios de noticiabilidade. Por que o naufrágio foi colocado como destaque e iniciado na matéria? Segundo Nelson Traquina (2005), a novidade de um acontecimento é um

dos critérios utilizados pelos jornalistas, mesmo que intuitivamente, para julgar se um fato tem noticiabilidade, ou seja, se aquele acontecimento tem a força o suficiente para se tornar notícia ou reportagem. Parece-nos que esse critério se aplica, nesse caso. Outro critério observado é a morte, causada pelo acidente com o barco, além do tempo, visto que a reportagem foi veiculada poucas horas depois do acontecimento. Também foi possível identificar o inesperado como valor-notícia: um naufrágio e uma forte tempestade que causou graves consequências não eram esperadas pela sociedade e pelos jornalistas. A repórter também narra o desastre nas cidades do Mato Grosso do Sul, principalmente Campo Grande, em que árvores foram derrubadas com a força do vento, e onde houve falta de energia elétrica. Importante pontuar que a reportagem não traz nenhuma fonte especialista para falar sobre os acidentes ou suas causas, o que contribuiria para complexificar o assunto. Somente foram ouvidos cidadãos que sofreram com os desastres.

A segunda reportagem televisionada na edição do JN também possui como tema “cidades e meio ambiente”, nota-se que a ventania e as chuvas são temas bastante discutidos. Durante a matéria, caracterizada como reportagem, a jornalista Isabela Chagas narra por meio da passagem as consequências de uma forte ventania no Triângulo Mineiro, várias cidades ficaram sem energia elétrica após a ventania que atingiu torres de transmissão na região.

Também é possível identificar a existência de um conflito narrativo, muito parecido com aquele explorado na matéria anterior, causado por um desastre ambiental. Por outro lado, a duração da reportagem é menor e traz poucos personagens para compor a construção do fato. Duas pessoas são entrevistadas: Julio Pimenta, que conta como a falta de energia elétrica gera prejuízos para sua sorveteria, e Giovane de Souza, o qual falou sobre o medo da falta de combustíveis nos postos. Podemos caracterizar os dois personagens como mocinhos da narrativa dramática da reportagem, mas há uma diferença entre essa matéria para a anterior. Nessa, a jornalista traz um especialista para a entrevista. Cladston Silva Santana, gerente de expansão e manutenção das redes da Cemig (Companhia Energética de Minas Gerais S.A.) conta a previsão da volta de energia para a região. Nesse caso, podemos classificar o personagem como um mocinho, mesmo que sua participação seja rápida, é ele quem responde as questões mais esperadas as pessoas afetadas, como a falta de energia, ele seria caracterizado como responsável por resolver os problemas causados pela ventania e as fortes chuvas.. Mais uma vez especialistas sobre meio ambiente, geólogos e biólogos não foram ouvidos, e mesmo que o assunto seja sobre cidades, há um gancho sobre meio ambiente não destacado. De acordo com os valores-notícia de Traquina (2005), podemos ver novamente alguns critérios, entre eles, a proximidade, já que apesar da ventania ter atingido uma

localidade geograficamente bem específica, pautas ambientais podem interferir em diversas localidades. O valor-notícia tempo também aparece nesta reportagem já que ela acontece no mesmo dia da edição, sendo assim um acontecimento bastante atual. A relevância é um critério utilizado nesta reportagem. Como visto anteriormente, esse critério se caracteriza por informações que possuem um impacto social. Neste caso, a falta de energia é o principal tema que afeta a maioria da população na região afetada pela ventania.

A terceira reportagem desta edição do JN que estamos analisando mostra a seca do Rio Paraguai. O repórter Lucas Lelis traz uma construção narrativa um pouco diferente das matérias anteriores, a começar pelos personagens. Como primeira fonte, Marcus Suassuna, pesquisador do Serviço Geológico do Brasil, fala sobre as mudanças nos níveis de descida do rio e a comparação com o pior registro de seca. Como Coutinho (2018) nos indica, há um roteiro narrativo construído para a matéria. Nesse caso, vemos que o gancho muda após a fala do geólogo, e a reportagem passa a ressaltar o assunto com uma abordagem do âmbito da economia. Os prejuízos retratados na matéria mostram as consequências da seca para a Vale, empresa de mineração, já que as barcaças que levam minério não conseguem navegar com os níveis baixos de água. Assim, temos um personagem relacionado com o mocinho na reportagem, o entrevistado Rodrigo Mello, Relações Institucionais e Governamentais da Vale, que conta sobre como a empresa mudou suas rotas e se adequou logisticamente após a seca do rio.

Em seguida, o repórter apresenta fatos e dados sobre o aumento de caminhões nas rodovias em relação ao ano anterior. Por fim, o último especialista é entrevistado: Carlos Padovani, pesquisador da Embrapa Pantanal, fala o que seria preciso para que os níveis de água se normalizasse, em que podemos destacá-lo como um dos personagens mocinhos, o qual não teve sua fala muito utilizada, mas que pode ser classificada como um personagem mocinho, sem muito destaque já que este traz soluções para que a utilização do rio para transporte seja normalizada. Um ponto interessante, é que este entrevistado, poderia trazer questionamentos sobre a seca e contextualizar a situação ambiental, contudo não é o que ocorre visto que a reportagem possui um desdobramento voltado para a economia. Por meio dos critérios de noticiabilidade podemos entender porque essa reportagem foi selecionada e se tornou uma pauta da edição. Mesmo que a temática ambiental esteja presente na reportagem, outro fator de destaque é a empresa Vale, a qual nesse caso é uma referência de notoriedade, ou seja, um importante personagem que ganha uma visibilidade maior que o meio ambiente, visto que ela fala sobre economia e também afeta a população, ligando o acontecimento ao critério de relevância. Em um telejornal que possui edições diárias, o critério de tempo é

muito utilizado já que as matérias devem ser atuais mesmo que o problema possa gerar futuramente outras pautas.

A quarta reportagem da edição do JN também possui um tema ambiental relacionado à economia. É importante lembrar que no telejornais não há um enquadramento dos conteúdos por editoriais, visto que os temas se misturam, como destaca Coutinho (2018). Nesse caso, o repórter Thiago Ariosi inicia a reportagem através da passagem com o objetivo de mostrar o que as famílias fazem para economizar água. Como o enredo dramático possui um problema a ser solucionado, a matéria traz a falta de chuva como um desses elementos. Os personagens, novamente que sofrem com o vilão ou o problema dramático são semelhantes: pessoas que precisam se readaptar para que não falte água em casa. Elivandro Firmino Souza, Maria Cristina Castelan, Cesar Barbosa e Luiz Feitosa são os entrevistados que contam como fazem para que a água não falte: através de mudanças de hábito eles conseguem guardar água da chuva para reutilização. Outra entrevistada é Veronica Sabatina, secretária do Meio Ambiente de Itu-SP. Nesse caso ela representa uma voz de autoridade ao expor como a secretaria da cidade auxilia as famílias a economizar água. Por que podemos identificar a proximidade como um critério de noticiabilidade? O Sudeste é um dos grandes polos industriais do Brasil, e também possui um número grande de habitantes, principalmente no estado de São Paulo. Além disso, a falta de água é um assunto recorrente em muitas cidades brasileiras, aproximando culturalmente os cidadãos. A relevância é outro ponto para ser destacado, já que a água é um recurso natural de extrema importância na vida do ser humano e sua falta causa grandes problemas, afetando e impactando a vida de várias pessoas.

A próxima reportagem traz como pauta a crise climática, entretanto o gancho para a reportagem está relacionado com o mercado bilionário de carbono, que inclui grandes empresas de agronegócio. O Brasil é um grande território de agronomia, são muitas fazendas que produzem alimentos como a soja. Nessa reportagem, o jornalista Carlos De Lannoy inicia ouvindo a produtora rural Maira Lelis que conta como sua fazenda participa do projeto para diminuir a emissão de gases, ela pode ser classificada com uma das personagens principais e mocinhas da reportagem, já que destaca as melhorias e oportunidades quando mais proprietários de fazendas aderem ao projeto do mercado de carbono, defendendo o assunto da reportagem. Outro entrevistado, o especialista Fábio Passos, diretor de negócios da Bayer para a América Latina, explica como o sequestro de carbono para o solo é importante para o meio ambiente, e mais uma vez ele se junta ao mesmo papel da entrevistada Maira, o mocinho da narrativa. Entretanto, como um especialista ele possui uma visão mais detalhada e criteriosa sobre o assunto. O objetivo da reportagem é explicar o mercado de carbono para os



telespectadores, o jornalista utiliza imagens e vídeos para ilustrar como funciona o projeto, elementos que ajudam no entendimento da reportagem. Outra personagem entrevistada é Marina Grossi, presidente do CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável), ela representa a voz dos empresários, os quais são a favor do mercado de carbono. Marina também pode ser classificada como mocinha da reportagem, percebe-se que os três personagens possuem um mesmo lado, eles defendem a contribuição que o projeto sobre o mercado de carbono irá garantir às empresas. Ao final da matéria, outro especialista é entrevistado. Ronaldo Seroa é professor de economia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e destaca os bons motivos econômicos para o Brasil regulamentar o mercado. A partir da reportagem, podemos identificar alguns critérios, entre eles a relevância, já que a crise climática e o aquecimento global afetam o planeta e conseqüentemente a vida de toda a humanidade diariamente; e a notoriedade, por parte das empresas de agronegócio do Brasil, pois podemos considerar o Brasil como um país que possui uma forte relevância na agricultura e pecuária.

A última reportagem da edição, que retrata o meio ambiente, tem o objetivo de mostrar uma obra de arte feita por um artista plástico na grande São Paulo. A obra é uma releitura do quadro do modernista Candido Portinari feita com as cinzas das queimadas do Pantanal, Cerrado, Amazônia e Mata Atlântica. Mundano, ativista e artista plástico que realizou a obra possui destaque nas temáticas socioambientais. O artista usa o grafite como forma de protesto e sua base de ativismo é justamente assuntos ligados à preservação do meio ambiente e direitos humanos. Além disso, ele procura questionar atitudes dos cidadãos e autoridades através de suas obras contextualizadas em temas locais combinadas a frases de impacto. Na reportagem ele conta como foi o processo além do sentido e proposta da pintura. Outro entrevistado é o filho de Candido Portinari, João Candido Portinari que conta o que achou da obra. Diferente das outras matérias, essa reportagem traz um tema mais subjetivo, visto que mostra uma obra de arte. Nela, o tema ambiental pela primeira vez não está relacionado com economia e podemos perceber que o mocinho da narrativa é o meio ambiente que sofre com as ações do homem.

#### **4.2 Considerações da análise e interseções com o referencial teórico**

O tema meio ambiente é cada vez mais visto nos telejornais, revistas e perfis de redes sociais. As mudanças climáticas têm gerado questionamentos não só em especialistas

ambientais, mas também em cidadãos que sofrem com as consequências de desastres, acidentes e crimes ambientais; e em alguns governantes, os quais são em parte responsáveis por soluções e prevenção desses fatos.

Não obstante, as reflexões sobre as ações humanas que interferem na vida do planeta devem iniciar com as relações entre natureza e sociedade. Nossa vida hoje ainda é considerada uma parte separada do meio natural em que estamos imersos. Seja ele vegetal ou animal. É possível observar que o ser humano luta constantemente por espaço, e faz do território vivo da natureza um local de consumo exacerbado e advindo de lucro. Um exemplo são as empresas de minério no país. No primeiro capítulo desta monografia, Ailton Krenak explica que o ser humano suprime a diversidade e a pluralidade de vida (KRENAK, 2020). É importante recordar que a tentativa de fazer com que a diversidade de vida e cultura seja oculta e exterminada vem do início da civilização do Brasil, em que portugueses usaram a força e a tecnologia para inferiorizar os nativos que já habitavam esta terra.

Diante disso, nossas culturas e costumes são consequências de atitudes eurocêntricas, em que o branco europeu é visto com o centro do universo. No século XV, o objetivo dos europeus era explorar os territórios e levar as riquezas para seu país. O capitalismo também não foi o único fator que contribuiu para essa visão superior perante a outros povos. A religião e a ciência também garantiram que indígenas tivessem sua cultura muitas vezes enterrada. Um exemplo era a catequização dos povos nativos, já que os jesuítas europeus eram trazidos para “ensinar” religião aos indígenas, ou inserir sua cultura europeia fazendo com que os ensinamentos dentro do território dos nativos fossem esquecidos.

Não foi somente durante a chegada e a exploração dos portugueses às terras brasileiras que tivemos culturas de outros povos como centro de ensinamentos e referências. O jornalismo brasileiro também foi influenciado a partir de estudos e práticas norte-americanas, principalmente. O ano de 1950 foi marcado como o ano da inauguração da televisão no Brasil. Mesmo que os radiojornais e jornais impressos já fizessem parte da vida dos brasileiros, uma nova era de mudanças acabava de chegar, com a inauguração do jornalismo audiovisual.

No segundo capítulo deste trabalho, vimos, através dos apontamentos de Iluska Coutinho (2018), que o papel do jornalismo não é somente informar. Há uma construção dramática desde a pauta ao roteiro da matéria. O jornalista então passa a ser o narrador que seleciona os personagens, classificados, entre outros, como mocinhos, vilões e vítimas.

Ao juntarmos as peças, meio ambiente e telejornalismo, chegamos ao último capítulo teórico, no qual discorreremos sobre jornalismo socioambiental, uma angulação ainda pouco explorada mesmo para jornalistas especialistas na área ambiental. Assim como nossos hábitos

e vivências tendem a separar a natureza da cultura, o jornalismo, sendo também uma prática social, também o faz, no geral. Na intenção de uma mudança, o que era chamado de jornalismo ambiental é renomeado como socioambiental e faz referência ao conjunto sociedade e meio ambiente, que devem ser informados e pesquisados como um só, em harmonia.

O jornalismo socioambiental antes de tudo, vai além das informações, ele possui o papel de criar reflexões e debates. Lembrando que o jornalismo não é neutro e, segundo Iza Maria Girardi e Reges Schwaab, o jornalismo socioambiental deve também ter o objetivo de denunciar e agregar pluralidade de vozes. Ele, então, “ultrapassa o jornalismo científico porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões.” (Bacchetta apud GIRARDI; SCHWAAB et al., 2012, p.137).

Com base nos capítulos teóricos e nas análises descritas anteriormente, é possível compreender, a partir da fala do jornalista André Trigueiro, que a edição do Jornal Nacional do dia 16 de outubro de 2021 traz realmente reportagens relacionadas ao tema ambiental. Entretanto, como mencionado anteriormente, as editoriais do telejornal não são únicas e os temas se misturam, inclusive nesta edição. As reportagens refletem desastres ambientais, ventanias, tempestades e secas que por sua vez estão relacionadas sempre com temáticas econômicas e urbanas, por exemplo. Outra questão importante a ser analisada é que a construção do roteiro e a escolha dos entrevistados não traz especialistas que poderiam explicar os acontecimentos e as soluções que deveriam ser colocadas e propostas. Visando essas questões, as reportagens da edição se afastam um pouco do jornalismo socioambiental e não conseguem harmonizar cultura e natureza, além de meramente informar o telespectador e trazer poucos elementos de reflexão.

Quando falamos em enredo dramático, podemos perceber que todas as matérias possuem uma história, início, meio (clímax) e fim. Diferente das histórias de livros, a dramatização do telejornal se baseia no jornalismo. Como mencionado anteriormente, há um manual utilizado para construir uma matéria. No jornalismo, o problema ou o clímax acontece logo no início, ou seja, a consequência tem prioridade na dramatização. Após isso, os personagens começam a aparecer: os entrevistados são as fontes que viveram os fatos e devem ser ouvidos.

Ao pensarmos em um telejornalismo dramático, em que há uma trama, como anteriormente falado por Iluska Coutinho (2018), também pensamos em roteiro e personagens. Por meio da análise foi possível observar que cada matéria possui seus

personagens separados muitas vezes em mocinhos, vilões e vítimas. É fato que os seres humanos, personagens entrevistados, são afetados quando o assunto é desastre ambiental, por exemplo. Assim, muito comumente, colocamos os fenômenos naturais como vilões e causadores dessa destruição. Por outro lado, em nenhuma das reportagens conseguimos entender as causas desses acontecimentos: os jornalistas no geral fazem uma rápida explicação sobre a estiagem, falta de água, tempestades e ventanias, mas não há um conteúdo explicativo que aprofunda o motivo dessas regiões sofrerem tanto com as mudanças climáticas – e, importante, nosso papel nisso tudo, como humanidade. Em meio a essa construção jornalística há mais um distanciamento no jornalismo socioambiental. Foi mencionado nos capítulos anteriores que um dos objetivos é munir o público de reflexões e questionamentos a partir das informações e narrativas criadas pelos jornalistas socioambientais. Muito mais que educar é debater e investigar, proporcionando várias fontes de opiniões, visto que o jornalismo não é neutro.

O primeiro valor-notícia que podemos encontrar em todas as matérias é a proximidade, ou seja, apesar das reportagens estarem relacionadas com as regiões Centro-Oeste e Sudeste na maioria das vezes nesta edição, a situação problema é importante e relevante para todos os brasileiros. A seca, a falta d'água e as queimadas são acontecimentos que possuem um interesse público. Associado à importância da pauta, temos outro valor-notícia, a relevância. O que pode ter um impacto na vida das pessoas? Temas como meio ambiente e economia tendem a influenciar não apenas uma única localidade e sim grande parte do país. Os grandes desastres se enquadram neste critério de noticiabilidade, lembrando a primeira matéria que informa o naufrágio do barco e a ventania no estado do Mato Grosso do Sul.

Outro fator como o tempo é uma das escolhas ao selecionar a pauta, visto que a edição do Jornal Nacional é diária e ao vivo, as matérias devem ser “quentes” atuais para que não se percam entre os novos acontecimentos. No caso da edição, podemos perceber que a edição traz após a veiculação de uma das reportagens a nota seca, a qual se caracteriza por ser uma informação nova que não pode ser editada na gravação da matéria. Isso porque, as gravações são feitas durante o dia e precisam estar prontas até o início do telejornal. Algo que é considerado novo, visto pela primeira vez, também pode ser considerado como valor-notícia para o jornalismo. No caso da reportagem sobre a pintura feita de cinzas na cidade de São Paulo é algo novo e inovador, se caracterizando como novidade. Mesmo que o tema sobre queimadas seja recorrente no Brasil, a releitura de uma obra famosa de Candido Portinari que possui um valor de protesto chama a atenção por ser algo nunca visto e noticiado.

Dadas as considerações da análise é importante que os veículos de massa, como o JN, continuem informando sobre temáticas ambientais, mesmo que o jornalismo socioambiental ainda seja uma especialidade nova, e que pouco podemos observar de uma estrutura sistêmica nas matérias da edição analisada. As reportagens não deixam de estar estruturadas de acordo com os roteiros dramáticos de um telejornal diário comum, além de utilizarem fortemente os critérios de noticiabilidade durante a escolha e produção das pautas. Ainda que as matérias da edição analisada tenham naturalmente outros ganchos, mas prioritariamente voltados para a economia e cidades (o que diz muito de interesses editoriais), André Trigueiro tenta chamar a atenção e divulgar que a edição teria fortes temas ambientais. Mesmo assim, o que observamos ainda não pode ser visto de fato como socioambiental.

## 5. CONCLUSÃO

Durante o trabalho apresentado foi possível observar as nuances entre jornalismo e meio ambiente. A cultura, principalmente do ser humano capitalista, revela uma separação entre a humanidade e a natureza. Nos últimos anos, essa relação tem se tornado cada vez mais motivo de preocupação e questionamento nos países ricos e para os especialistas socioambientais. As mudanças climáticas sentidas afetam diretamente grandes e pequenas cidades, colocando a vida humana em risco.

Contudo, para entender os motivos pelos quais o ser humano possui uma visão superior, tivemos que voltar no tempo e compreender alguns pontos da história do pensamento moderno e da própria construção do país. Foi possível perceber que principalmente o sistema colonialista sempre buscou por riquezas e territórios, visando o poder e o lucro, relacionados à dominância sobre os outros povos. Esse pensamento foi colocado à força nas terras brasileiras e nos nativos que aqui viviam. Seguindo essa concepção temos, é claro, um modelo já construído e inserido na nossa sociedade em que os objetivos estão ligados ao lucro, “entidade” primordial ao modelo de produção capitalista. Mesmo que as visões sobre a exploração de recursos naturais possam ser constantemente questionadas, é tarefa árdua o ser humano capitalista se desvincular de toda a cultura formativa em que está enraizado. Por outro lado, é possível e de extrema importância para nossa sobrevivência ouvir e levar à sério os pensamentos dos povos originários, os quais defendem que natureza e ser humano são somente um e precisam viver em harmonia para que não haja um descontrole no planeta em que vivemos.

Ao entrar nesse contexto, observamos que no primeiro capítulo desta monografia, ao utilizar o autor como referência Philippe Descola, e seu livro *Outras Naturezas, Outras Culturas* (2016) podemos compreender a estrutura cultural enraizada em nossas vidas de seres capitalistas. É importante percorrer este caminho, pois antes de analisar a natureza devemos observá-la no olhar de outros povos, como os nativos. Na obra de Descola (2016), ele descreve vários elementos e narrativas de nativos que muitas vezes não conhecemos, os *achuar* e *anangu*. Isso porque, segundo o autor, não saímos do nosso espaço e buscamos olhar para área externa de nossa vida, nos distanciando dessas culturas. Uma das coisas semelhantes à cultura dos indígenas é que natureza e seres humanos são vistos como um só. Nada caminha, funciona e segue seu fluxo se não estiverem em harmonia. E para que o Jornalismo Socioambiental ou nossa relação com a natureza seja ética e responsável é importante

entender que a cultura vivida em países e territórios capitalistas não é superior a culturas que estavam aqui antes da globalização.

Assim, considerado o percurso reflexivo-teórico proposto nesta monografia, o objetivo da pesquisa era entender como um meio audiovisual de comunicação de massa, no caso o JN, veicula as reportagens sobre meio ambiente e se aproxima ou não de uma ideia de jornalismo socioambiental para construir as edições que possuem pautas com essa temática. Por meio deste ponto de vista, foi escolhida uma única edição do dia 16 de outubro de 2021 que segundo o jornalista especialista em meio ambiente, André Trigueiro faz um chamado em suas redes sociais ao dizer que apresentaria esta edição a qual possuiria “um bloco forte de assuntos ambientais” (TRIGUEIRO, 2021). A partir disso, e dos métodos analisados dos autores Iluska Coutinho (2018) e Nelson Traquina (2005), foi possível compreender como a construção e estrutura do telejornal pode se adaptar ao veicular reportagens com temáticas socioambientais.

Após concluirmos a análise nota-se ainda que o telejornalismo brasileiro caminha para que pautas socioambientais sejam frequentes nas edições, contudo há ainda uma predominância, em pautas ambientais, de uma angulação voltada para aspectos econômicos, sobretudo. Por outro lado, este trabalho pretende estimular estudantes de jornalismo e jornalistas graduados para que observem e compreendam a necessidade de um jornalismo socioambiental baseado em pesquisas e estudos que nos ajudem a entender a relação entre meio ambiente e sociedade, visto que nossa cultura está enraizada nos modelos exploratórios e capitalistas. Assim, ao construir notícias, matérias ou reportagens é preciso que os profissionais de comunicação saibam relacionar e colocar em pauta questões sobre a vida humana, a vida vegetal e animal, não havendo separação entre elas.

Para finalizar, pretendemos que essa monografia seja o início de um caminho para aqueles que queiram entender e a partir disso aprofundar em temáticas socioambientais dentro do jornalismo, principalmente em áreas ligadas ao telejornalismo. Observar como os veículos de massa do país informam e produzem narrativas sobre esse assunto é um ponto fundamental para que o jornalismo se encaminhe para um novo processo de construção de notícias e reportagens socioambientais e o meio ambiente esteja cada vez mais próximo da sociedade, objetivo imprescindível na própria sobrevivência da humanidade.

## REFERÊNCIAS

© 2022 INSTAGRAM FROM META. Disponível em:

<[https://www.instagram.com/p/CVHKE39MMAI/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/p/CVHKE39MMAI/?utm_medium=share_sheet)>. Acesso em: 16 de fev. de 2022.

AILTON KRENAK. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641357/ailton-krenak>. Acesso em: 04 de dezembro de 2021. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

BAUER, Carlos. **Sobre a Televisão – reflexões históricas**. Rev. Bras. Mark., 2002.

Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/remark>>.

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p.51-64, dez. 2005.

COUTINHO, Iluska. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade**. In: ÉMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. (Ed.) **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Vol. 7. Editora Insular, 2018 (p.175 – p.195).

CNN BRASIL. Cable News Network Brasil. Uma empresa NOVUS MÍDIA. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cop26-termina-com-acordo-climatico-veja-o-que-deu-certo-e-as-falhas-nas-negociacoes/>>. Acesso em: 08 de dez. de 2021.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. Editora 34 Ltda. – 1ª ed. - São Paulo, 2016.

EMERIM, Cárlica; COUTINHO Iluska; FINGER Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Vol.7 - Editora Insular, 2018.

G1. Globo Comunicações e Participações S.A. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-26/noticia/2021/11/15/as-lacunas-em-que-o-relatorio-final-da-cop26-nao-avancou.ghtml>>. Acesso em: 08 de dez. de 2021.

G1. Globo Comunicações e Participações S.A. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2020/10/22/queimadas-na-amazonia-em-2020-passam-numero-de-todo-o-ano-de-2019.ghtml>>. Acesso em: 04 de jan. de 2022.

GIRARDI, Iza Maria; MORAES Cláudia et al. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**.

Dados eletrônicos – Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Disponível em:

<<https://jornalismoemeioambiente.com/e-book/>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GIRARDI, Iza Maria; SCHWAAB, Reges et al. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Trajetória de formação do telejornalista brasileiro** – as implicações do modelo americano. São Paulo, 2008.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Editora 34 Ltda. Rio de Janeiro, 1994.

LINHALIS, Lara Guimarães. **A identidade do povo brasileiro em cena**: a construção da brasilidade no discurso do JN. Juiz de Fora, fev. 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Editora Senac São Paulo, São Paulo, 2000.

MEMÓRIA GLOBO. Globo Comunicações e Participações S.A. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional>>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

NEWMAN, Nic; FLETCHER Richard; SCHULZ Anne et al. **Reuters Institute for the Study of Journalism**. Disponível em: <[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf)>. Acesso em: 28 de jul. de 2021.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Conquista e colonização do Brasil**: espaço, natureza e sociedades na longa duração. Revista de Sociologia e política. 1993.

O que vem depois do desastre? Agência Pública, 23 de mar. de 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/03/o-que-vem-depois-do-desastre/>>. Acesso em: 07 de out. de 2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Gêneros e formatos Jornalísticos na Televisão brasileira. **Intercom—Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Da Comunicação**, v. 32, p. 1-16, 2009.

SOUZA, Karla Carolina Nery de. **NO AR: Jornal Nacional** – Das audiovisualidades às atualizações no audiovisual brasileiro. São Leopoldo, 2010.

SPINELLI, Egle Müller. **Jornalismo audiovisual**: gêneros e formatos na televisão e internet. **Revista Alterjor**, v. 6, n. 2, p. 1-15, 2012.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Editora 34 Ltda. São Paulo, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol. II: A tribo Jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional. Insular, Florianópolis, 2005.

TWITTER © 2022 Twitter, Inc. Disponível em: <<https://twitter.com/GeneralMourao/status/1303868724513038341?s=20>>. Acesso em: 04 de jan. de 2022.

UOL, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/11/11/cop26-aumenta-protagonismo-dos-indigenas-mas-sem-participacao-nas-decisoes.htm>>. Acesso em: 13 de dez. de 2021.

WWF-Brasil. Organização WWF-Brasil. Disponível em:  
<<https://www.wwf.org.br/?77589/Retrospectiva-2020-Pantanal-teve-recordes-historicos-de-quimadas>>. Acesso em: 07 de dez. de 2021.

SP-Arte Eventos Culturais Ltda. Disponível em:  
<<https://www.sp-arte.com/artistas/mundano/>> . Acesso em: 24 de maio de 2022.